

# !Blecaute

Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) – Ano 6 – Nº18 - Fev/Mar/Abr - 2014  
ISSN: 2238-930X







**Blecaute**  
Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) – Ano 6 – Nº18  
Fevereiro/Março/Abril - 2014

ISSN: 2238-930X

Copyright © 2014, Núcleo Literário Blecaute • All Rights Reserved.

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição de Blecaute: revista de literatura e artes; Os textos ou fragmentos de textos, quando reproduzidos, devem ter suas referências (autoria e lugar de origem da obra) devidamente citadas, conforme preconiza a legislação vigente no Brasil acerca dos direitos autorais (Lei 9.610/98); As opiniões emitidas nos textos são de responsabilidade exclusiva dos autores, sendo estes últimos responsáveis pela revisão e conteúdo de suas produções; É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

Periodicidade: Trimestral

CAPA: sem título, 2005

Autor: Luiz Barroso

Técnica: instalação com pedras de papel machê

Editores:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio  
brunogaudencioescritor@gmail.com / @BrunoGaudencio

Janailson Macêdo Luiz  
janailsonmacedo@hotmail.com / @jan\_macedo

João Matias de Oliveira Neto  
j.matias@msn.com / @j\_matias

Flaw Mendes (Editor Visual)  
flawmendes@gmail.com / @flawmendes

800

R454 Blecaute: revista de Literatura e Artes, ano. 6, n. 18

(Fevereiro/Março/Abril - 2014) – Campina Grande, 2014.

p.: 73, il. color.

ISSN: 2238-930X

Editores: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Flaudemir S. S. Mendes,  
Janailson Macêdo Luiz, João Matias de Oliveira Neto.

1. Literatura. 2. Literatura – Ensaios. 3. Literatura - Contos. 4. Literatura –  
Poemas. I. Título.

21. ed. CDD



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)  
[www.facebook.com/revistaBlecaute](https://www.facebook.com/revistaBlecaute)  
revistablecaute@gmail.com  
@revistablecaute

## Índice

EDITORIAL .....	05
Conto: <i>O Contrário de B.</i> - Bruno Liberal (PE) .....	06
Poemas: <i>Negro soul e outro poemas-</i> <i>Salgado Maranhão</i> (RJ-MA) .....	10
Santo Ofício: <i>Da Arte do Ensaio-</i> <i>Franklin Jorge</i> (RN) .....	13
Poemas: <i>E aí a gente acha que acordou do pesadelo</i> <i>e outros poemas</i> - Ana Peluso (SP) .....	15
Rabisco do Ouvido: <i>Meu guri</i> - Raoni Xavier (PB) .....	18
Conto: <i>Tempo exato de relativa morte</i> - Sérgio Janma (PB-RS) .....	19
Ensaio: <i>A Ficção Inteligente de Matteo perdeu o</i> <i>emprego</i> - Rinaldo de Fernandes (PB-MA) .....	21
Poemas: <i>Fotografa Fotóns e outros poemas</i> - Leandro Durazzo (SP) .....	24
Ensaio Fotográfico: <i>Auto(ins)pi-</i> <i>ração</i> - Lu Maia (PB-AC) .....	28
Ofício Literário: <i>Personagens, a História co-</i> <i>meça...</i> - Reynaldo Bessa (SP-RN) .....	35
Poesia Imaginada - Flaw Mendes (PB) .....	39

## Poemas: *Maré Baixa e outros poemas*

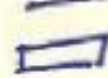
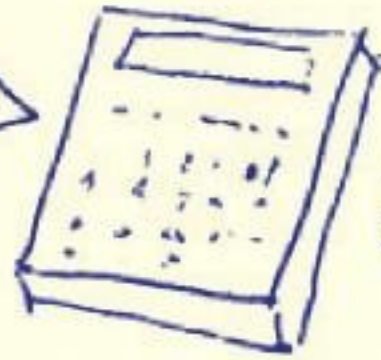
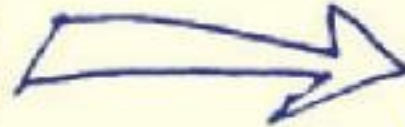
- Ramon Diego (SE-PB) .....	40
Artigo: <i>Construção e desconstrução de identidades nas</i> <i>tiras de Laerte Coutinho</i> - Laís Medeiros (PB) .....	42
Conto: <i>Panóptico</i> - Edson Tavares (PB-PE) .....	49
O Aeropago: <i>Chega de Saudade</i> - Valdênio Menezes (RJ-PB) .....	51
Conto: <i>Acordei cedo depois de dormir mal</i> - Sidney Summers (BA) .....	54
Mekatronia- Will Simões (PB) .....	56
Artigo: <i>Do Inferno: visão psicanalítica das moti-</i> <i>vações inconscientes de Jack, o estripador, na nar-</i> <i>rativa de Alan Moore</i> - Cleriston Costa (PB) .....	57
Visualidades: <i>A palavra pintada de Lenilson</i> - Wellington de Medeiros (PB) .....	64
Poemas: <i>Desde de quando e Outros Poemas</i> - Julia Mendes (SP-RJ) .....	67
Artista da Capa: -Luiz Barroso (PB) .....	70



Editorial



REVISTA BLECAUTE Nº 18



DATAS DE CONTATOS DE REUNIÕES DE ENTREGA DE REVISÃO... DATAS! DATAS! DATAS!!!

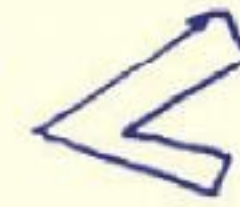
EDIÇÃO DE FEVEREIRO MARÇO E ABRIL!!! E AGORA???

OPS!!! LANÇAMENTO?

CRI CRI CRI!!! TIC TAC TIC TAC!!!



ACORDA NEGADIS!!!!



ESSA EDIÇÃO ESTÁ SHOW! COMEÇANDO PELA CAPA, A PRIMEIRA VEZ QUE USAMOS UMA INSTALAÇÃO ARTÍSTICA, DO LUIZ BARROSO; TEMOS UM NOVO COLUNISTA, O WELLINGTON DE MEDEIROS, QUE FALARÁ SOBRE ARTES VISUAIS EM "VISUALIDADES".

ALÉM DAS NOVIDADES, TEREMOS CONTOS DO BRUNO LIBERAL, SÉRGIO JANMA, SIDNEY SUMMERS E DO EDSON TAVARES.

OS POEMAS SÃO DE SALGADO MARANHÃO, ANA PELUSO, LEANDRO DURAZZO, JULIA MENDES E RAMON DIEGO.

O RINALDO DE FERNANDES PARTICIPA DESTA EDIÇÃO COM UM ENSAIO.

TEM, TAMBÉM, UM ENSAIO FOTOGRÁFICO DE LU MAIA, JÁ A LAÍS MEDEIROS PARTICIPA COM UM ARTIGO SOBRE AS TIRAS DO LAERTE COUTINHO. E O CLÉRISTON COSTA COMPLETA COM OUTRO ARTIGO SOBRE A NARRATIVA DE ALAN MOORE.

NO MAIS, OS COLUNISTAS FRANKLIN JORGE, RAONI XAVIER, FLAW MENDES, REYNALDO BESSA, VALDÊNIO MENEZES E O WILL SIMÕES.

BEM, É ISSO PESSOAL! E ATÉ BREVE, BREVE MESMO! (É O QUE ESPERAMOS!) -->



CONTO

O CONTRÁRIO DE B.

*Por Bruno Liberal*

O dia passa assim: sem pressa. Numa lentidão de roda-gigante. Um redemoinho de esperanças. Anéis superficiais que se esvaem na incerteza das horas.

O tempo todo nessa mesma velocidade. Atropela tudo.

Atropela devagar. Dolorosamente. Passando por cima de cada osso do corpo.

Não incomoda, mas dói.

Ele olha para cima. Para o azul.

Protege os olhos com a mão. Percebe que não há vento, há sol. Um sol muito perto da cabeça. Um sol que fica posicionado a uns dois metros da cara de B. Sente isso queimando a pele. Sente isso com o cheiro do asfalto flutuando. Quase dá para pegar o sol e comê-lo.

B. está cansado. Extremamente.

Em pé, na calçada, com o sol a dois metros, não sabe para onde seguir. Ouve a confusão de vozes que gritam. Não sabe o que gritam. Não entende. Sente apenas a dor das vozes. Dos gritos. Dos vários. Da multidão de dentro.

Dá para ver os pés castigados. Sujos. Rachados. Com grandes fissuras. Aberturas grossas e complexas que pegam do calcanhar e se estendem até as vozes. Vozes rachadas. Que gritam desesperadas.

O pescoço parece ter sido vencido. Amolece. O corpo inteiro dói. No entanto, essa dor não é nada. Não é nada porque sempre esteve lá.

Desde que se lembra. Desde o dia que ficou de pé. Que saiu andando sem rumo. Que abraçou o mundo com passos delicados. Pequenos. Um, dois, três. Passos. Mil. Milhões de olhos olhando suas feridas.

Um carro muito limpo e branco para no sinal.

B. olha o carro com sua limpeza e brancura e perfeição e esplendor e tamanho e rodas muito pretas, brilhantes. Fica triste.

Não.

Sempre estive (triste).

E aquilo de tanta limpeza e brancura chama suas lágrimas. Chama gritando, misturando-se com as vozes que nunca param.

Mas as lágrimas não caem. Não poderiam. Não dá para ser algo que não existe dentro. Não dá para ser sentimento abortado. As lágrimas foram abortadas um dia, como ele mesmo.

Não se lembra de sentir tanta confusão assim.

Esse seu nome: B. tinha agora quinze anos.

Na rua não era criança. Seu nome B. de B. de B. de rua.

O vidro espelhado do carro reflete uma imagem feia de B. parado daquele jeito. Com os cabelos daquele jeito, espetados, sujos.

Nos olhos, negras criaturas de pedra. Retratam apenas essa vida insegura de B. essa incerteza de vida.

Expressa a morte. Expressa quem mata. Os olhos.

Ele pode ser a vítima ou o assassino. Tanto faz. Deve ser os dois.

O sinal abre e mais carros passam. B. continua parado, em pé na calçada, sujo e descalço. Os carros passando assim infinitamente. Tantos carros, tantas vozes, tantas cores confusas, tantos pobres, tantas crianças loiras, tantos celulares e sons e cheiros e risos, tantos risos misturados no calor desse dia ao meio.

Ele sabe que quer chorar.

Ele sabe que o sol assim de perto parece um vento frio de solidão.

B. vê uma mulher num carro vermelho tentando estacionar. Vai pedir dinheiro. Vai pedir o que puder. Precisa insistir. Sabe que eles não gostam, mas precisa ficar lá parado com a mão estendida. O mais perto possível. Para incomodar mesmo e B. receber alguma coisa.

Encosta no carro e bate no vidro fechado, com a mão aberta. Suja o vidro. Fica a marca da mão.

Ela vê B. do lado de fora do carro, daquele jeito, batendo no vidro e fica com medo. Assusta-se. Trava as portas. Pensa que esse cara vai arrancá-la dali e fazer uma maldade. Ele é negro. É sujo. Vai machucá-la, com certeza.

B. bate no vidro e pede algum trocado. Ela liga o carro se tremendo toda.

Ele se afasta um pouco e bate de novo. Mais forte.

Ela nervosa, o carro falhando.

B. fica olhando a cena. A mulher nervosa tentando sair do estacionamento. Indo para frente e para trás. Ela olha B. a todo instante. Vê nos olhos dela o desespero. Ela bate várias vezes nos dois carros e consegue sair dali gritando pneu.

B. dá um sorrisinho. B. é feio, tem cara de doido. Queria dinheiro para comprar um pacote de biscoito. Gosta do sabor morango.

Está deitado na calçada. É meio dia. Dorme.

O sol bate forte no seu rosto. Grita na cara dele.

As vozes de dentro também descansam às vezes.

Um casal de namorados passa e observa B. parado ali daquele jeito. No meio do sol. Deitado sobre um papelão sujo.

Parece não se importar com o sol. O casal observa aquilo achando a coisa mais absurda e engraçada do mundo. Ela usa um perfume muito doce e está toda maquiada e usa um vestido tão lindo. Ele está com relógio vermelho no pulso e um celular na mão. Seu porte físico denuncia as horas de academia.

Ele tira uma foto de B., que continua dormindo.

Na internet sai: “fazendo fotossíntese”.

157 gostaram da foto. 13 fizeram piadas. 1 perguntou se eles fizeram algo para ajudar.

Eles comentam alguma coisa entre si, mas B. dorme, sonha. Parece suspenso pelo sol.

Nem eu sei com o que B. está sonhando. Nem eu sei!

B. senta na praça da igreja Catedral. Gosta de Petrolina por causa dessa praça. Do tamanho da praça, das pedras da igreja, da Concha Acústica, do sol nos vitrais. A praça tem o cheiro da cidade. Observa os pombos voando em formações muito específicas. Alguns são muito brancos e especiais, outros sujos e delinquentes. B. é um pombo sujo. Cinza. Preto.

Vê alguns velhos sentados nos bancos da praça. Na sombra. Estão esperando alguma coisa. Vê crianças de uniformes escolares andando em bandos, como os pombos. Pombos brancos.

Sabe que está com fome, mas não sente nada. O azul do vazio na barriga é o céu. E o céu dessa cor é sua fome.

Prefere dormir. Dormir muito. Espera que algo mude em algum



momento durante o sono. Que no sonho o tempo passe em outra velocidade, de outro jeito. E ele acorde outra coisa, que essa coisa que é não presta.

Um jeito assim diferente de passar tudo, de sentir, de acordar.

Um grupo de crianças passa por ele. Estão com farda de colégio. Eles chamam B. de viado e gritam.

Seu viado.

Seu bosta.

Preto safado.

Macaco.

B. observa com seus olhos de pedra.

As crianças gritam e xingam. Fazem gestos obscenos. Perguntam se B. quer dar uma chupada neles.

Chupa aqui, macaco.

Eles pegam algumas pedras soltas no chão. Ele até pensa em correr, em revidar, em esmagar os pombos brancos.

Mas B. está muito cansado. As vozes de dentro gritam demais. Bombardeiam B. com pedras. Acertam uma na cabeça. Várias.

B. cai para trás. Está inconsciente.

Pombos, pessoas, crianças passam para lá e para cá. Continuam suas vidas de pombos, pessoas e crianças. A praça continua praça com sua igreja e Concha Acústica e cheiro de cidade.

B. acorda no mesmo lugar. Leva a mão à testa e sente um caldo viscoso. Deve ser amargo esse seu sangue de pombo preto.

Caiu e deve ter ficado pelo menos uma hora parado ali daquele jeito. E o mundo continuando.

Percebe agora sua solidão.

B. não sente raiva.

Não sente alegria.

B. é uma pedra no chão que pode voar na cabeça de outros B's. Está na rua do colégio Dom Bosco andando para não morrer pedra.

Vê dois namorados se beijando.

Devem ter a mesma idade que ele.

Ele se aproxima. Fica muito perto. Quase consegue sentir o hálito misturado dos dois. Eles se assustam. A mocinha dá um grito. B. diz assim: “você é meu contrário”. Diz com sua voz de pedra. Um som que mistura todas as vozes de dentro como se esses gritos convergissem para essa frase.

E leva um murro.

Ele sangra e ri. Percebe que não sente dor. Sente apenas uma sensação de congelamento. Uma anestesia local. Mas a raiva toma-o. E as vozes continuam.

B. parte para cima do rapaz. Quer matá-lo.

A garota entra na frente.

Ele bate nela. Agarra seus cabelos e esfrega sua cara no chão. Esfrega mesmo, ralando a pele branca da face. Transformando o rostinho angelical em demônio. Fica uma mancha de sangue na calçada. B. está louco, desconta toda sua raiva na garota.

O rapaz valente fica paralisado. Sente o medo de B. invadi-lo também. Percebe nos olhos de B. o vulcão, a solidão, a fome, a vítima, o assassino. O rapaz entra num estado de estupor.

B. esfrega a cara da garota e puxa seus cabelos.

B. ri. Dentes pretos, sujos, amarelos.

Esfrega, puxa e bate.

Com violência.

Está na delegacia. Com o rosto deformado. A população se uniu e deu uma surra nele. Gritavam várias coisas. Tudo que já ouviu. Tudo que eles queriam que B. fosse.

Um policial faz perguntas grosseiras, ofensivas.

B. não sabe o que a palavra que o policial disse significa.

B. quase não consegue enxergar.

O tempo passa e começa a sentir fome. Sentir fome de verdade.

Na barriga.

Fica surpreso com isso.

Ele ri e o policial pergunta por que porra ele está rindo.

B. olha para o alto.

Olha o céu pela janela. Olha a vastidão desse oceano inverso.

Sua vida navegando em sonhos perdidos.

Pergunta ao policial se ele consegue ver todos esses tons de azul. Esses que ficam margeando o céu. Porque azul não é uma cor. Não é.

É uma vida.

E vida é o contrário do que ele é. Do que tem sido. Do que acontece o tempo todo na roda-gigante. Vida é o contrário de B.

---

**BRUNO LIBERAL (PERNAMBUCO)**- Escritor e Economista. Publicou o volume de contos Sobre o tempo (Ed. Multifoco, 2012), Olho morto amarelo, grande vencedor do I Prêmio Pernambuco de Literatura (Companhia Editora de Pernambuco - Cepe, 2013) e Juro por Deus que é um final feliz, edição artesanal da Mariposa Cartonera (2013).

**!Blecaute**  
Revista de Literatura e Artes



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)  
[www.facebook.com/revistaBlecaute](https://www.facebook.com/revistaBlecaute)  
[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)  
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

*De Salgado Maranhão*

**NEGRO SOUL**

*Para Edimilson de Almeida Pereira e Éle Semog*

sou um negro,  
orgulhosamente bem-nascido  
à sombra dos palmares,  
da grandemocracia  
racial  
ocidental  
tropical.  
sou bem um outdoor  
de preto  
com a cara pro luar  
inflando a percussão  
do peito  
feito um anjo feliz.  
sou mais que um quadro-negro  
atrás de um giz: um livre livro.  
e sangue de outras sagas;  
e brilho de outros breus:  
quanto mais me matam  
mais eu sobrevivo.

(negro é feito cana no moedor,  
sofre e tira mel da própria dor.)  
vou tocando passos,  
vou tocando ginga,  
vou tocando, vou  
a deitar sangue  
nos cruzamentos,  
colorindo a palidez  
dos que não têm cor.  
sou um negro,  
rigorosamente um negro,  
à sombra dos palmares  
da grandemagogia  
racial  
ocidental  
tropicálice!

## HISTORINHAS DO BRASIL PARA PRINCIPIANTES

chegaram de canhões e caravelas chamando tupis de índios. no primeiro dia brindaram ao redor da cruz, não conheciam a terra, mas já eram donos. Mais tarde voltaram procurando pedras, abrindo ruas, fundaram as capitâneas das sífilis hereditárias.

## DESCONCERTO

Por querer teus seios  
(e não poder)  
Já sofri demais.  
E ainda sofro,  
Por não querer mais.

## SENTENÇA

faz muito tempo que eu venho  
nos currais deste comício,  
dando mingau de farinha  
pra mesma dor que me alinha  
ao lamaçal do hospício.  
e quem me cansa as canelas  
é que me rouba a cadeira,  
eu sou quem pula a traseira  
e ainda paga a passagem,  
eu sou um número ímpar  
só pra sobrar na contagem.  
por outro lado, em meu corpo,  
há uma parte que insiste,  
feito um caju que apodrece  
mas a castanha resiste,  
eu tenho os olhos na espreita  
e os bolsos cheios de pedras,  
eu sou quem não se conforma  
com a sentença ou desfeita,  
eu sou quem bagunça a norma,  
eu sou quem morre e não deita.

---

SALGADO MARANHÃO (RIO DE JANEIRO- MARANHÃO) - Poeta e Compositor. Considerado por muitos um dos mais importantes poetas brasileiros contemporâneos. Publicou diversos livros, destaque para A Cor da Palavra (IMAGO-Biblioteca Nacional, 2009). Ganhou prêmios como o Jabuti e UBE. Tem canções gravadas por Alcione, Elba Ramalho, Paulinho da Viola, Ney Matogrosso, entre outros. Os poemas acima foram retirados do livro citado.

**!Blecaute**  
Revista de Literatura e Artes



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)  
[www.facebook.com/revistaBlecaute](https://www.facebook.com/revistaBlecaute)  
[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)  
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

DA ARTE DO ENSAIO

Por Franklin Jorge



Escrevendo sobre a arte do ensaio, observa inteligentemente Lúcia Miguel Pereira que o ensaísta escreve como o inglês viaja. Sem, rigorosamente, um centro, pois não sofre a limitação de um único ponto de vista e se movimenta no texto, a exemplo do flâneur, em todas as direções. Claro está que ao afirmá-lo ela pensava não nos ensaístas acadêmicos -- que proliferariam depois --, mas nos humanistas infensos às fórmulas feitas e aos modismos passageiros.

Em literatura, lendo e escrevendo, o ensaísmo terá sido meu maior e mais duradouro interesse. Ainda adolescente, desde que me abeberei do gênero, senti estar diante de uma forma de expressão

capaz de satisfazer-me plenamente, como motivo de criação e como objeto de leitura, por responder naturalmente às indagações do meu espírito inquieto e insatisfeito.

É o ensaio um meio especialmente adequado à construção do pensamento, à investigação, à reflexão e à análise, pois comporta cabalmente todas as variações, constituindo-se assim, por excelência, uma enciclopédia de sugestões e idéias. E, sobretudo, um deleite para o espírito que se recreia na usufruição intelectual da leitura, por sua vez uma arte mutante, pois depende inclusivamente da cultura do leitor. Borges, embora grande ensaísta a vida inteira, acabou por desprezar o gênero sob a alegação de que tem muito a ver com opinião e, portanto, seria tão desdenhável como as opiniões...

Reflete a ensaísta carioca, célebre por seus estudos sobre Machado de Assis, que além disso o ensaio se adequa, como expressão estética, à natureza excêntrica do inglês. Ela se refere ao ensaísmo praticado não por Montaigne, mas por Bacon -- os criadores do gênero --, embora tão diversos entre si, como um inglês consegue sê-lo de um francês, podem ser contados entre os mais notáveis ensaístas de todos os tempos.

No Brasil o ensaio tornou-se um gênero especialmente universitário e, como tal, submetido e diminuído pelas fórmulas acadêmicas que se comprazem em excluir o prazer do texto. Em resumo, um gênero que não espicaça o apetite do leitor -- que só o prestigia quando coagido a realizar leituras obrigatórias --, nunca motivado pelo prazer, que deve ser o grande estímulo da leitura. Por isso, disse-o Voltaire em defesa dos gêneros literários -- todos são bons, exceto o enfadonho, como costuma ser o produto intelectual dos acadêmicos sem talento em busca de titularidade, de ouropéis e de recheio para a

folha de serviço.

Parece-me que o ensaísmo seria a expressão cabal de um humanismo inquiridor, vivo e inquieto, propenso ao dialógico, pronto a expandir-se em ilações, como ocorre atualmente no âmbito do romance, por sua natureza, enciclopédico e não subordinado a um único ponto de vista. Desvirtuado e empobrecido por autores sem carisma, o ensaio encontrou um refugio no romance, passando do âmbito das humanidades para o domínio da ficção.

---

FRANKLIN JORGE (RIO GRANDE DO NORTE) – Escritor e Jornalista. Vencedor do Prêmio Luís Câmara Cascudo. É autor, entre outros, do livro *Ficções, Fricções e Africções* (Mares do Sul, 1998).



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)

*De Ana Peluso*

E aí a gente acha que acordou de um pesadelo, do pesadelo,  
do verdadeiro pesadelo, da repetição de mil sons todos  
iguais  
para alguma luz que acomode um acorde luminoso,  
que transmute toda a dor em algum acontecimento de maior  
importância,  
de valor fundamental, sem fundamento, eixo, explicação,  
como um romance à primeira escrita, ao primeiro toque, à  
primeira sentença,  
sem rimas, sem medidas dramáticas, de curvas que não só  
infinitesimais $\infty$ ,  
de grandezas apocalípticas, porque buscamos mesmo as re-  
velações,  
com ou sem escatologias, sem fins lucrativos, sem muito in-  
teresse no  
que não é filho do onírico, o místico, o impossível  
em oposição à essa tela cartesiana em que dois e dois é sem-  
pre quatro,  
em que você e eu é sempre nós, mas nunca todos,  
esse pesadelo humanista, excomungado  
e a gente segue achando que acordou do pesadelo da sepa-  
ração,  
da falta, da falta de ar do que dizer, do que transmutar  $\infty$

como velhos e conturbados alquimistas transformando ouro  
em dor,  
juventude em máscara, a dilapidação da perda filosófica, e a  
gente acorda,  
não necessariamente em uma manhã, e algum sinal dita em  
códigos  
que não há escapatória dos sonhos maus, dos homens maus,  
e de um território abruptamente mau só porque a gente  
acordou  
de um pesadelo maior, e isso não nos eximir do retorno,  
e que qualquer rigor das pedras, que qualquer fisionomia  
cristalina das águas,  
de qualquer grandeza de importância, é de posse de alguém  
que constrange muito a nossa condição,  
de caídos na mesma cilada todas as vezes que fecha os  
olhos  
e nunca dorme



Minha poesia não está à venda  
eu não estou à venda  
porque alma não se vende  
e sou alma e sou corpo  
e sou poesia e sou ontem  
e sou amanhã  
e hoje estou fechada  
para a liquidação

Muito mais do que os homens e suas aeronaves terrenas  
tentando entender o céu

mais do que santo-santo de auréola  
que um dia ganhou o céu

do que gesto piedoso, de coração, de quem pensa ir para  
o céu

boa intenção, ombro, apoio, abrigo, abraço  
e outras relíquias não lidas no céu

a loucura é santa

por não ter como ser  
insincera

e o louco vive bastardo, oblíquo, a esmo  
perdido fora da terra

só não sabe que é o céu

A mata adensa o oculto  
por trás de cada árvore pode surgir o absoluto  
um prédio por exemplo  
e pela lucidez insana  
um homem  
um carro  
mais veloz que o espírito das seivas  
pode surgir um algoz  
algum rabisco de marcas  
atroz  
qualquer, qualquer coisa farta  
que não dobre à força aquela imagem  
o verde soprando para fora daquela imensa floresta

olha o menino na contramão  
o cinegrafista na contramão  
o direito na contramão  
o poeta na contramão  
o homem na contramão  
o destino na contramão  
do destino

---

**ANA PELUSO (SÃO PAULO)** - Poeta. Publicou 70 Poemas (São Paulo: Patuá 2014), que integra a Coleção Patuscada, premiada com o ProAC – Programa de Ação Cultural da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Faz parte de diversas antologias do grupo Anjos de Prata, Poetrix TOC140. E de outras: de Zamores (São Paulo: Escrituras, 2003), Moscas, É que os Hussardos chegam hoje (São Paulo: Patuá, 2014) e Hiperconexões: Realidades Expandidas [primeira antologia poética sobre o pós-humano], organização do escritor Luiz Bras (São Paulo: Terracota, 2014).

Por Raoni Xavier\*

**Meu guri**

Quando, seu moço, nasceu meu rebento  
Não era o momento dele rebentar  
Já foi nascendo com cara de fome  
E eu não tinha nem nome pra lhe dar  
Como fui levando, não sei lhe explicar  
Fui assim levando ele a me levar  
E na sua meninice ele um dia me disse  
Que chegava lá  
Olha aí  
Olha aí  
Olha aí, ai o meu guri, olha aí  
Olha aí, é o meu guri  
E ele chega

Chega suado e veloz do batente  
E traz sempre um presente pra me encabular  
Tanta corrente de ouro, seu moço  
Que haja pescoço pra enfiar

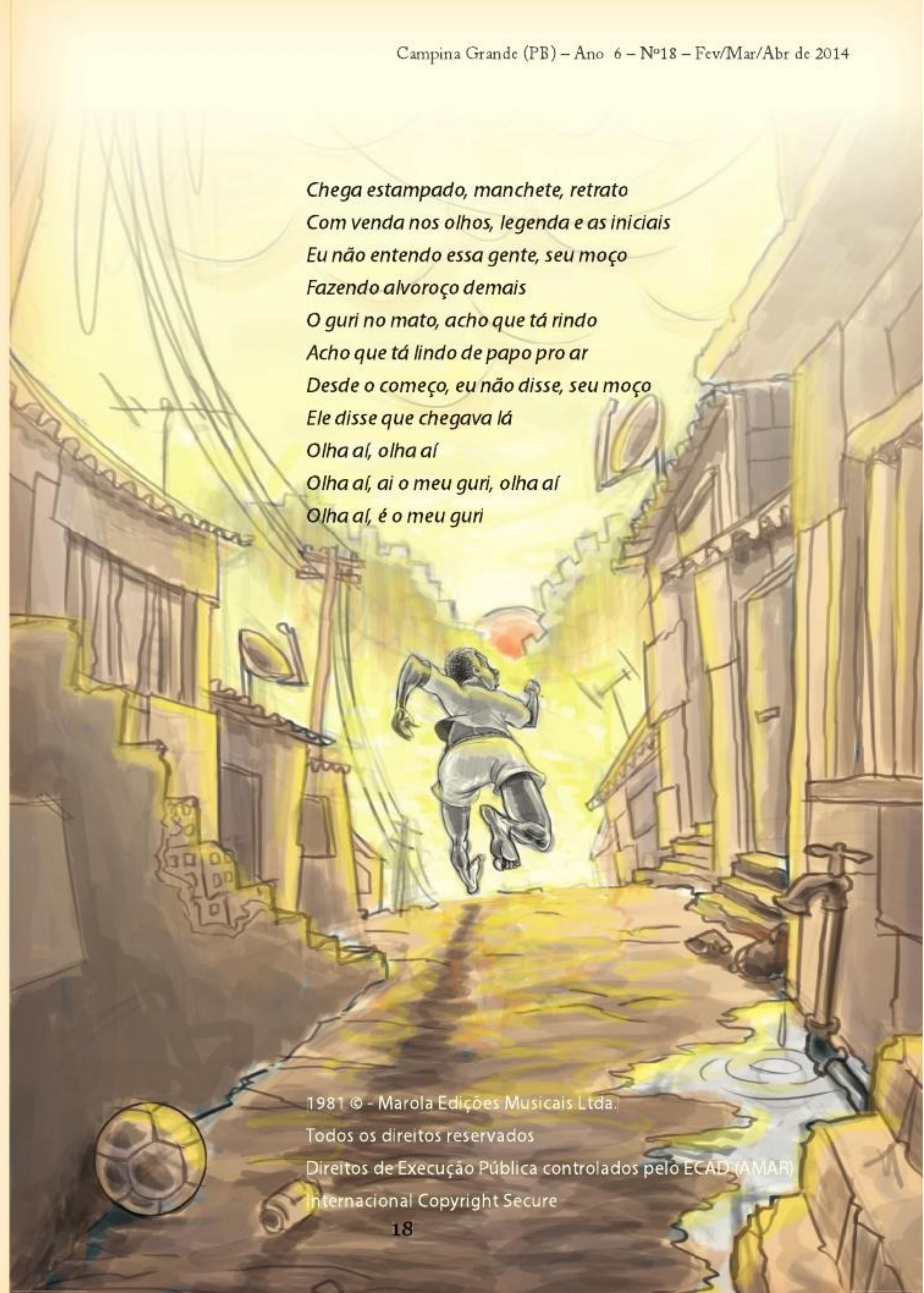
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro  
Chave, caderneta, terço e patuá  
Um lenço e uma penca de documentos  
Pra finalmente eu me identificar, olha aí  
Olha aí, ai o meu guri, olha aí

Olha aí, é o meu guri

E ele chega

Chega no morro com o carregamento  
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador  
Rezo até ele chegar cá no alto  
Essa onda de assaltos tá um horror  
Eu consolo ele, ele me consola  
Boto ele no colo pra ele me ninar  
De repente acordo, olho pro lado  
E o danado já foi trabalhar, olha aí  
Olha aí, ai o meu guri, olha aí  
Olha aí, é o meu guri  
E ele chega

Chega estampado, manchete, retrato  
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais  
Eu não entendo essa gente, seu moço  
Fazendo alvoroço demais  
O guri no mato, acho que tá rindo  
Acho que tá lindo de papo pro ar  
Desde o começo, eu não disse, seu moço  
Ele disse que chegava lá  
Olha aí, olha aí  
Olha aí, ai o meu guri, olha aí  
Olha aí, é o meu guri



1981 © - Marola Edições Musicais Ltda.  
Todos os direitos reservados  
Direitos de Execução Pública controlados pelo ECAD (AMAR)  
Internacional Copyright Secure

CONTO

TEMPO EXATO DE RELATIVA MORTE

*Por Sérgio Janma*

21 horas e 37 min.

O toque sonoro de mensagem do SIM 2 do meu celular chama minha mão esquerda pra um mergulho pentadátilo ao interior do bolso da minha bermuda de sete bolsos de onde emergem os utilitários neles guardados que muito improvavelmente de hoje em diante os usarei. Gostaria que você fosse o primeiro a saber que Odionaldo e eu estamos namorando, mensagem que li engolindo cada indigesta letra seca de piedade. O sangue pesado de gelo passou a navegar lento pelas minhas veias. Os fios condutores de frio empalideceu meu corpo por inteiro. Congelei naquele momento que demorava em ser eterno. E como ficamos?! Tantas noites insones de amor no colchão ao chão, matando baratas a cada vez que o cheiro peculiar as denunciava no escuro.

21 horas e 45 min.

Fecho a única porta de entrada-e-saída com uma chave de três segredos, sepultando os meus segredos jamais confessados no interior daquele sepulcro que era nosso apartamento depois que você foi embora. Vou-me embora pra nunca mais. Busco encontrar a morte que alivia as dores do ofício de viver. Levo comigo apenas as poucas roupas que essencialmente cobrem o meu corpo e o documento de

identidade que facilite o reconhecimento do meu cadáver, já que em vida não fui reconhecido.

21 horas e 51 min.

Ando inconsciente, zumbi, tonto pela movimentada avenida principal do bairro. Como em uma escura balada noturna, os faróis dos automóveis jogam luzes em meus olhos incapacitados de visão sob aquela lua escandalosa de cheia. Cheio de mim cansa-me guardar em meu corpo essa dor, esse eu tão meu que ninguém quer seu. Chego ao sinal vermelho de minha vida e de todas as avenidas. Ironicamente, lembro que perspectiva em russo quer dizer avenida. E sigo absorto com meu andar sem espelhos retrovisores atrás do nada pra pensar, do vazio da mente que me liberte desta obsessão que me impulsiona pra frente nesta avenida de mão única e sem nenhum retorno que contorne minha dor. Planejo, então, meu inevitável destino derradeiro.

22 horas

Sinal fechado. Sincronia da engenharia de trânsito. Esperas mútuas de motoristas e pedestres, sem nelas necessariamente haver sincronias. Espero. Sinto o peso da sentença que diz que o tempo é relativo. Há demora demais para o sinal abrir e os carros com seus muitos cavalos virem com seus olhos grandes, bestiais, sobre mim. Fixo meu olhar pra o escuro dentro dos dois primeiros carros à frente daquela fila inerte de ferros e aços prontos para o arranque veloz. Uma mulher no volante e ao celular, sozinha. Com quem estará a falar? Seja lá

com quem e qual seja o assunto, é certo que o tema é sobre suas vidas que continuarão depois dessa noite. Sem que eu percebesse, o outro carro à minha esquerda tem sua seta direita piscante. No seu interior decifro vultos de dois homens jovens de caras alegres, obviedade das noites de sábado.

Verde. Vida que te queria verde, meus verdes anos já se foram e agora só resta ir-me, deixar-me cair feito folha seca, ou igual a um fruto podre precipitando-se da árvore da vida. Sinal verde para meu pulo de gato velho na sua sétima vida e última morte. Qual dos dois carros atropelará minha vida de acidentes e selará o meu destino? Num ato que não sinaliza sua intenção, jogo-me de corpo e alma, inteiro, para o centro daquela mal sinalizada pista de asfalto falho por buracos. Fecho meus olhos para não ver e sentir meu fim.

Ouçõ após algumas frações de segundos o xingar com palavras chulas, partindo dos dois rapazes que lentamente entravam pela rua à minha esquerda. Filhodaputadoidodocaralhoquémorrerdáumtirona-caraseumerdacooooorno!!! Abortei a alegria deles. Frustraram meu calculado suicídio sem ensaios.

---

SÉRGIO JANMA (PARAÍBA-RIO GRANDE DO SUL) – Escritor. Obteve Menção Honrosa no Concurso de Poesia em homenagem ao poeta gaúcho Mário Quintana, promovido pela Petrobrás e Instituto Estadual do Livro, em 1984. Ganhador do primeiro lugar na categoria conto (“O Dragão Apunhalado Colhe Pedras na Lua de São Jorge”) no I Concurso Literário Pedra do Reino, promovido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba. Obteve primeiro lugar na categoria conto (“Não tô nada bem”) do 8º Concurso Literário Mário Quintana, promovido em âmbito nacional pelo Sintrajufe/RS com publicação de livro, o qual foi lançado na Feira do Livro de Porto Alegre em outubro de 2012. Em publicação independente, lançou em junho de 2013 o seu livro de contos Espelhos Quebrados Não Morrem. É membro do Clube do Conto da Paraíba.

**!Blecaute**  
Revista de Literatura e Artes



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)  
[www.facebook.com/revistaBlecaute](https://www.facebook.com/revistaBlecaute)  
 revistablecaute@gmail.com  
 @revistablecaute

## A FICÇÃO INTELIGENTE DE MATTEO PERDEU O EMPREGO

*Por Rinaldo de Fernandes*

*Matteo perdeu o emprego* (Ed. Foz, 2013), do angolano-português **Gonçalo M. Tavares**, é uma espécie de manual do absurdo. Um livro inteligente, profundamente irônico, com uma construção ímpar. Um livro que desconstrói a forma mais consagrada do romance moderno – aquela calcada no monólogo interior/fluxo de consciência. Um livro que, como poucos na literatura contemporânea, adiciona à cena narrativa a metalinguagem como fator de especulação ensaística/filosófica. Um livro que, para além de narrar (e de narrar bem, de ser muito atrativo narrando), faz apreciações acerca de sua própria forma, problematiza a ficção ao mostrar as suas estratégias, os seus bastidores.

O livro está dividido em três partes. Na primeira, acumulam-se vinte e três pequenos e médios relatos (alguns não passando de meia página). Cada relato, além de seu protagonista, traz um personagem (o nome deste vem marcado em negrito) que será o protagonista do relato seguinte. O nome do protagonista é destacado no título de cada um dos vinte e três relatos. Exemplos: “Aaronson e a primeira rotunda”, “Ashley e a encomenda”, “Baumann e o lixo”, “Glasser e a bateria”, “Hornick e o labirinto”, etc. Os relatos estão distribuídos em ordem alfabética – até o “M”, quando há o relato mais longo, “*Matteo perdeu o emprego*”, com cerca de vinte páginas, dividido em doze capítulos curtos, e o nome do protagonista também anunciado em

negrito no relato que o precede, o vigésimo terceiro. A segunda parte é justamente esse relato mais largo, “Matteo perdeu o emprego”, protagonizado pelo vigésimo quarto personagem (“...a personagem central desta narrativa”, conforme alerta o narrador). A terceira parte, ensaística, filosófica, autorreferencial, metalinguística, são as “Notas sobre Matteo perdeu o emprego”, denominadas de “Posfácio”. Esta terceira parte, composta por textos/reflexões curtas, toma cerca de cinquenta páginas do livro.

Uma estrutura, portanto, lógica, muito bem arquitetada para expressar, como veremos, o absurdo – e o efeito é uma forte ironia. (Um vigésimo quinto relato, cujo protagonista seria Nedermeyer, é elidido/sequestrado, conforme é indicado num dos apontamentos da terceira parte, quando é posta em dúvida se é ou não “circunférica” a estrutura do livro, ou seja, se após o último relato, o de Matteo, volta-se ao primeiro, o de Aaronson – questão, por excelência, de cunho metalinguístico).

Em termos de conteúdo, o que caracteriza a primeira e a segunda partes é o fato de todos os relatos trazerem uma situação absurda. Assim, por exemplo, no relato “Ashley e a encomenda” um indivíduo vai entregar um embrulho numa rua extensa cujos prédios, todos, têm o número 217. O relato “Baumann e o lixo” é a história de um indivíduo que “lava” o lixo, que faz a assepsia de peças recolhidas na lixeira para reintroduzi-las na civilização, para reintegrá-las na sociedade como objetos de valor. “Diamond e o ensino”, numa linha parecida, narra a história de uma escola tomada pelo lixo, que sobe os andares, vai enchendo as salas – “[o professor] Diamond tinha a ideia fixa de que o lixo queria regressar a esse mundo através de uma das suas marcas mais fortes: a alfabetização” –, sendo que, no fim, ‘re-

sistem' ao acúmulo de sujeira e ao ar infecto um professor e seus vinte e dois alunos. Sobre estes, assinala, com ironia, o narrador: "...eram os vinte e dois homens que evita[ram] que o mundo sucumbisse". Em "Glasser e a bateria" conta-se a história de um homem com um coração artificial que funciona através de uma bateria de caminhão (esta é ligada ao peito do homem por um fio). Glasser, para onde vai, precisa carregar a bateria, que é pesada, com mais de vinte quilos. O relato focaliza o momento em que Glasser vai para um bordel ter um encontro com uma prostituta e, na hora de subir as escadas, e ainda de consumir o ato, precisa do auxílio do gerente do bordel e da própria prostituta para poder conduzir a bateria. "Kashine e o NÃO", por sua vez, trata de um adolescente de dezesseis anos que vivia a "espalharnão por onde passa[va]", que escrevia a palavra "não" em tudo. E por aí vai.

Na segunda parte, em "*Matteo perdeu o emprego*" (que, repita-se, fecha a seção narrativa do livro, e que é o 'complemento' da primeira parte, desta se diferenciando apenas por ser um relato mais longo e por ser composta por capítulos curtos enumerados), na segunda parte aparece a história do desempregado Matteo, casado, com filhos, que consegue um emprego para cuidar de uma mulher que não tem braços (mais uma vez, o absurdo se apresentando). Matteo tem um amigo, Guzi, que é sapateiro e que cria um macaco. Por falta de clientes, Guzi entra em decadência – e passa a ameaçar a comer o macaco, etc. Um relato impiedoso, sobre penúria financeira, sobre o processo de desumanização na sociedade de classes.

Por fim, na terceira parte, nas "Notas sobre Matteo perdeu o emprego", ou "Posfácio", há, também em textos curtos, apontamentos filosóficos que comentam personagens/acontecimentos das duas pri-

meiras partes. O procedimento aqui, como já indicado, é ensaístico, reflexivo – e também metalinguístico, pois há uma preocupação em discutir o arranjo, a disposição, a lógica da composição das duas partes anteriores. Há ainda intertextualidade (por exemplo, para ilustrar um dos apontamentos, é citado o romancista polaco Gombrowicz, autor de *Cosmos*). Embora, aqui e ali, correndo o risco de provocar certo enfado no leitor (que a essa altura já saboreou os deliciosos relatos das duas outras partes, em especial o relato sobre Matteo), essa terceira parte traz momentos de reflexão filosófica muito instigantes. Por exemplo, a reflexão sobre o "lixo":

"...o que já não vai para lado nenhum, eis o lixo. Mas isso apenas para quem está de um lado, do lado de cá, dir-se-ia – porque para os outros, os que trabalham no lado do lixo, esses sim, percebem – só os que cheiram mal percebem que o lixo inicia outra narrativa, que o lado do lixo é o lado do início, é a primeira palavra. Ou seja: o que estava arrumado em definitivo, o lixo, eis que ressuscita como qualquer mágico no meio de um bom truque e diz: aqui estou eu, começamos!"

Também é instigante este apontamento sobre o "não":

"*Não* é o vocábulo mais assertivo no mundo da linguagem. Bem mais do que o *sim*; o *sim* abre uma continuidade, *sim* e avanço, *sim* e algo mais. O *sim* começa, o *não* termina. O *não* encerra. *Não* há vocábulo mais assertivo; é em linguagem a palavra mais mortal. Queres? *Não*. Vens? *Não*. Podes? *Não*. Fizeste? *Não*. Vais fazer? *Não*."

Pois o que vemos na história de **Kashine** é precisamente esta exatidão que explode, que provoca múltiplos efeitos, um não que perturba, que põe em causa, um não que não domina os seus efeitos."

### E ainda este outro comparando o “sim” e o “não”:

“...o sim tem estas características: faz com que uma planta, em princípio, se junte a outras – e é o não que vai diferenciando, separando, enviando uns elementos para um lado, outros elementos para outro. Mas para sermos justos: o não e o sim trabalham em conjunto para pôr em ordem a confusão de que se partiu. O mundo é sempre uma confusão e uma taxinomia que o tenta organizar é uma gestão de tráfego onde sim e não são as direções; e apenas com dezenas de sim e dezenas de não se organiza o caos, até ao ponto em que cada elemento está separado de todos os outros; do mundo vasto e barulhento e brutal e confuso se chega, pelo caminho do não e do sim, à unidade mínima. Eis, pois, a história da racionalidade.”

### Por fim, esta observação sobre o “labirinto”:

“No fundo, o labirinto também é isso: uma infinidade de sem saídas. Não se vai a lado nenhum por muitos lados, ou: há muitos caminhos para não se ir a lado nenhum: eis o labirinto. E, como se existisse apenas uma verdade e uma solução no mundo, o labirinto funda essa coisa estranha que é a crença num único caminho; um processo violento: todos os caminhos estão barrados exceto um.”

Matteo perdeu o emprego é, de fato, um livro singular. Mescla conto, novela e ensaio filosófico. E é mesmo um romance? Para além do debate acerca de seu gênero, é uma inteligentíssima obra de ficção.

---

RINALDO DE FERNANDES (PARAÍBA-MARANHÃO) - Contista, romancista e professor universitário. Doutor em Letras pela UNICAMP. Autor do livro de contos *O perfume de Roberta* (Rio de Janeiro: Garamond, 2005) e dos romances *Rita no pomar* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2008 – finalista do Prêmio São Paulo de Literatura) e *Romeu na estrada* (inédito). Organizou, entre outras, as coletâneas de ensaios *Chico Buarque do Brasil* (Rio de Janeiro: Garamond/Fundação Biblioteca Nacional, 2004) e *Chico Buarque: o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos* (São Paulo: LeYa, 2013).



*De Leandro Durazzo*

fotografar fótons  
na cabeça de um fósforo aceso  
enquanto  
sobre a mesa  
nem ela nem eu mesmo nos dispomos

lavar panos  
lençóis e almofadas ao relento  
ouvir a voz que chama a vizinhança  
seguir a contradança de outro tempo

passar um café fresco ao fim da tarde  
pra nós, pra mim, pra quem seja a visita  
despertar do cochilo  
coçar a vista  
e ver onde se esconde o menino

encher filtro de barro  
garrafinhas  
água que vai já pra geladeira  
catar fruta madura, pitangueira  
amora, umbu, cajá, banana e pinha

saber que horas são sem que se saiba  
sem que se  
veja  
sem que precise  
precisar horas  
em um relógio, qualquer ponteiro

e contemplar a chama  
fogareiro  
e contemplar a noite  
casa acesa

façamos  
 um acordo  
 o mundo já vai torto  
 demais  
 já muito triste o mundo vai  
 todo esquisito  
 o mundo se arrasta  
 o mundo humano  
 se arrasta  
 e mal recolhe o lixo pela casa  
 o mundo todo  
 então façamos  
 por favor  
 mais um acordo  
  
 não contribuamos com  
 o lodo

Teu nome foi meu mantra, Florine. Florine. Espírito de um tempo. Teu nome foi a ponta do pensamento, a ponta que puxou tudo, que conduziu meus dias, teu nome foi meu mantra, Florine, já faz um tempo, agora não. Agora, quando aparece, é pedaço de oração para outro tempo, pedaço de retrocesso. É como varrer o chão, teu nome, meu nome, tudo. Sempre há poeira nos cantos, sempre um caco de vidro, um grampo em papel antigo, sempre o que varrer. É como varrer o chão, juntar o pó, teu nome, uma oração, espírito de um tempo que não. Demoro mais a sair dele do que o tempo que aí fiquei. Não me parece agradável, certo, saudável nem nada disso, mas agora percebo o que não percebi nesse tempo ido, nesse último ano, nos doze meses de fuga do desengano. De um atrás do outro. Teu nome, meu mantra, quebrou como se quebraram os vasos do meu avô. A memória de minha avó. Meu contato com os meus pais. A tranquilidade. O salário de minha irmã, quebrou. Teu nome, meu mantra, meu ano, esses meses de tempo escorrido, tudo isso se viu partido enquanto meu pé andou. Procurando um outro passo, procurando um outro porto, procurando fugir da neve, procurando fugir do fogo, teu nome, meu mantra. Repetição. Num dos poemas desse tempo, Florine, num dos poemas desse tempo - porque os poemas desse tempo, algumas das narrativas, Ana, Maria, minha esquizofrenia, válvula de escape, minha arte de não fazer - num dos poemas desse tempo eu dizia, se bem me lembro, que me espanta o espanto de

estar por aqui/ sabendo que um dia morri/ e hoje canto. Escrevi mas não dei atenção, eu não me entendi. Escrevi no meio da dor. Mas a dor, nesse agora, acabou. E então consegui perceber que, estando aqui - onde quer que este aqui seja - que estando aqui, que cantando, mesmo depois de morto, que estar por aqui não dizia que eu, outra vez, revivia. Cantava de um outro canto, sete palmos de terra levando o som dessa minha voz. Agora que a dor acabou, agora que parece ter acabado, eu falo mais baixo. Ter morrido e estar deitado naquele tempo que já se foi, reconhecer esse ter morrido e estar deitado naquele tempo que já se foi. Reconhecer. Repetição. Teu nome na ponta de um outro mundo. Teu nome são e salvo em outro mundo. E o meu, não. O meu, agora, depois de morto, olhando tudo. Agradecendo esses doze meses de danação, de corrida russa, de valsa turca, de perdição. Reconhecer. Morte e repetição. Recomeço, renascença, espaço desmesurado para que eu possa errar de novo. Teu nome, meu mantra, um rogo.

## REGRAS PARA UMA BOA REPARAÇÃO AO RENASCIMENTO

force-se até explodir  
 saiba os limites do caminho  
 force-se até sair das possibilidades  
 até superá-las  
 até dar a volta na eternidade em cinco ou sete horas  
 force-se até explodir  
 exploda  
 recolha os cacos, os pedaços possíveis  
 deixe alguns no solo, no vento, para que se espalhem  
 para que adubem outras terras, pensamentos  
 recolha os cacos e se cole

certo ele que sabe acalmar  
 mesmo tendo passado por noites sem teto  
 infartos, mordidas de sucuri que não tragaram  
 seus ossos até o inferno, certo ele que  
 ouviu o cintilar de estrela e água, que se atirou  
 por entre a mata na procura do que não acha  
 estando em pé, estando em coma, estando atrás do que  
 não se encontra  
 em lugar nenhum  
 certo ele que se arremete na madrugada  
 com as mãos dadas  
 com filho eterno  
 co'abençoada  
 dos olhos férteis das águas claras  
 certo o relógio biológico da casa armada em pés descal-  
 ços  
 o coração no alvo e a flor aberta  
 certo ele, certa

[para José Juva e Luanda Andrade e o moleque de quem  
 ainda não sei o nome]

Toma tenência, Leandro, toma tenência. Tem um quê de  
 um monte de coisa que tu vai deixando passar, vai se es-  
 quivando, fingindo que aguenta, até que aguentando, mas  
 toma tenência, que vem que uma hora a carga todinha  
 que não foi embora te pega no susto, te engole no espan-  
 to, te arrebatava o respirar. Toma tenência, Leandro, toma  
 tenência antes que te badale o sino e te dobre as horas.  
 Aprende a ficar no ficar, a ir no ir embora, aprende a se-  
 guir feito árvore que não se apavora. Toma juízo, moleque,  
 toma cuidado.

## ENSAIO FOTÓGRAFICO

*Por Lu Maia*

Sobre a “Auto(ins)piração de Lu Maia.

Por João Lobo, artista visual.

O nu artístico povoa as artes desde os primórdios. Permanece renovado pela inquietude criativa de artistas em contínuos processos evolutivos que superam a temeridade do desconhecido, realizando intrigante-instigantes viagens ao hipotético universo inicial da espécie humana. O fascínio que este tema desperta confunde-se com o existencialismo contraditório entre corpo e alma.

Neste ambiente, diversos fotógrafos utilizam o corpo como objeto abstrato, dotado de características plásticas atribuindo sensualidade apenas na sugestão de subjetividades implícitas em linhas, curvas e volumes consoante uma poética visual que ressalta a sensibilidade do artista em arquitetar estéticas subliminares sem o caráter da explicitude erótica.

Já em outras situações esta associação é desconsiderada e a fotografia é utilizada como recurso que, na maioria dos casos, abusa das possibilidades imagéticas para produzir ensaios dirigidos de puro libido. Apropriando – se destes recursos Lu Maia fotografa com liris-

mo autofágico o desdobramento de uma imagem translúcida, etérea, volátil em fugidias concepções sensoriais ou a sensibilidade gozosa de um erotismo enunciado em claro encantamento.

A forma das nuances corporais produz efeitos e texturas que manifestam narrativas de uma precessão intensa e direta que relaciona artista e criação, metalinguagem e leitura, signo e significação, sentimento e expressão, e acode as necessidades de identificar arquétipos da fotografia contemporânea que sublinham o sensível, o sensorial, o sinestésico.

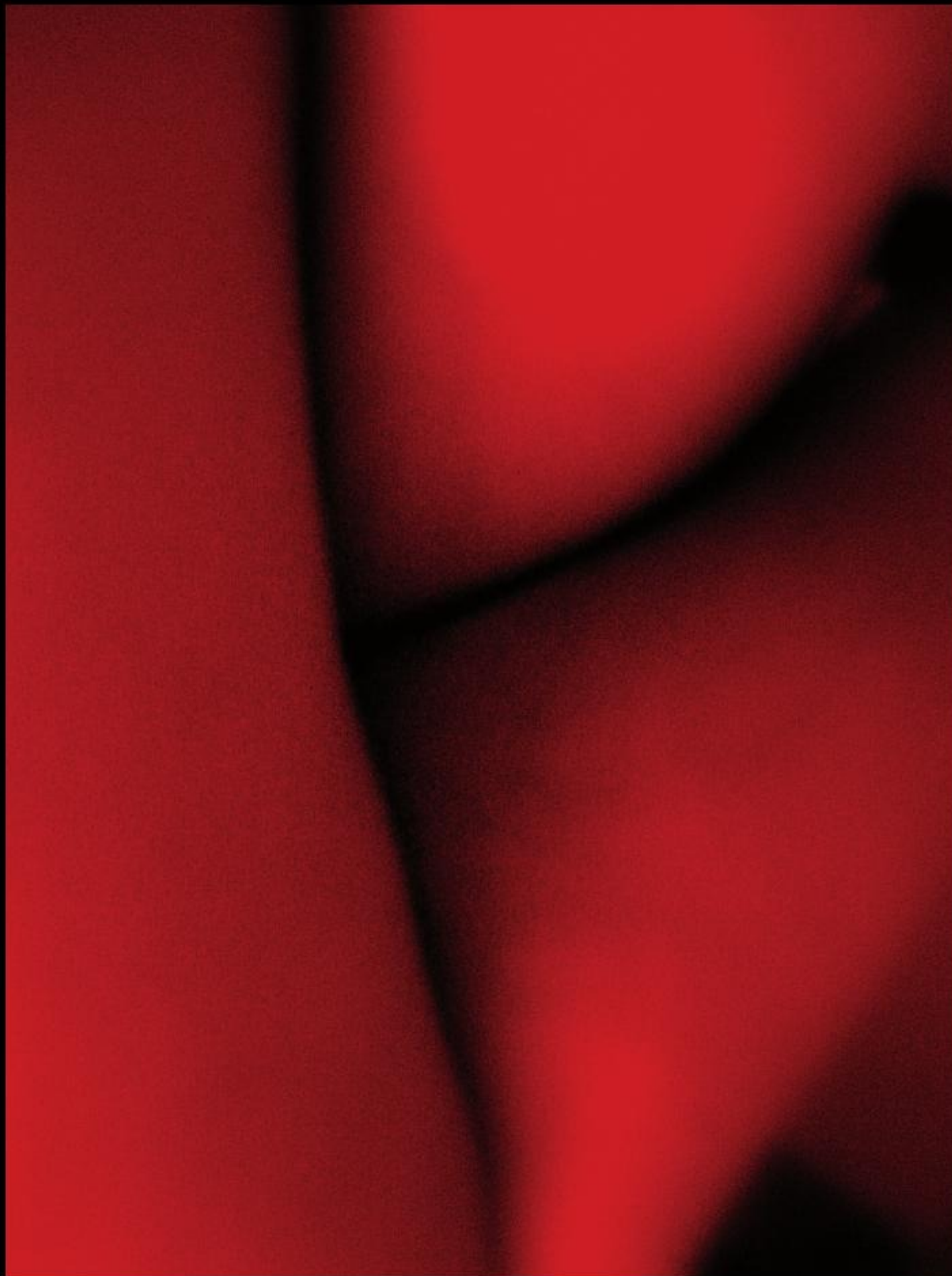
“auto(ins)piração” é mais que corporal, é bem mais que excitante, é o erotismo desértico, opaco, refletindo na amplitude das possibilidades visuais o corpo que assume definitivamente a categoria de morada da alma e daí transcende a matéria para seduzir a artista que olha, se vendo, vê e traduz a representação sígnica de corpo e alma unidos por uma fotografia expandida que ultrapassa os limites das lentes e câmeras para conceituar percepções não além alma, mas bem mais além eros. Pura inspiração.

João Lobo  
JP, 20.02.2012

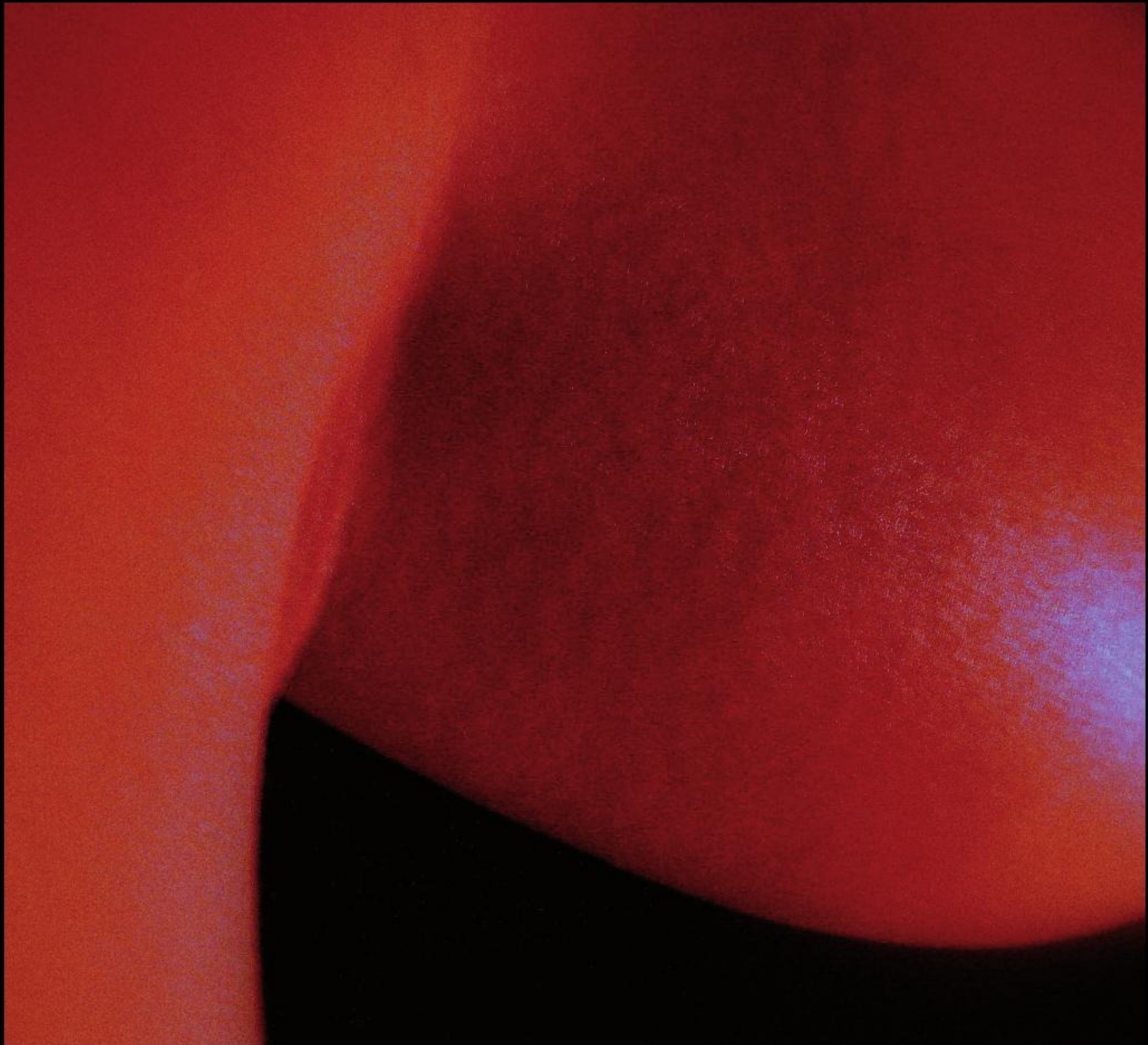
LU MAIA (PARAÍBA-ACRE) - Fotógrafa, bibliotecária e especialista em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atual Vice Presidente da Fundação Espaço Cultural da Paraíba. Sua produção artística tem foco em formas diferenciadas. Já participou de diversas exposições, em algumas foi premiada.

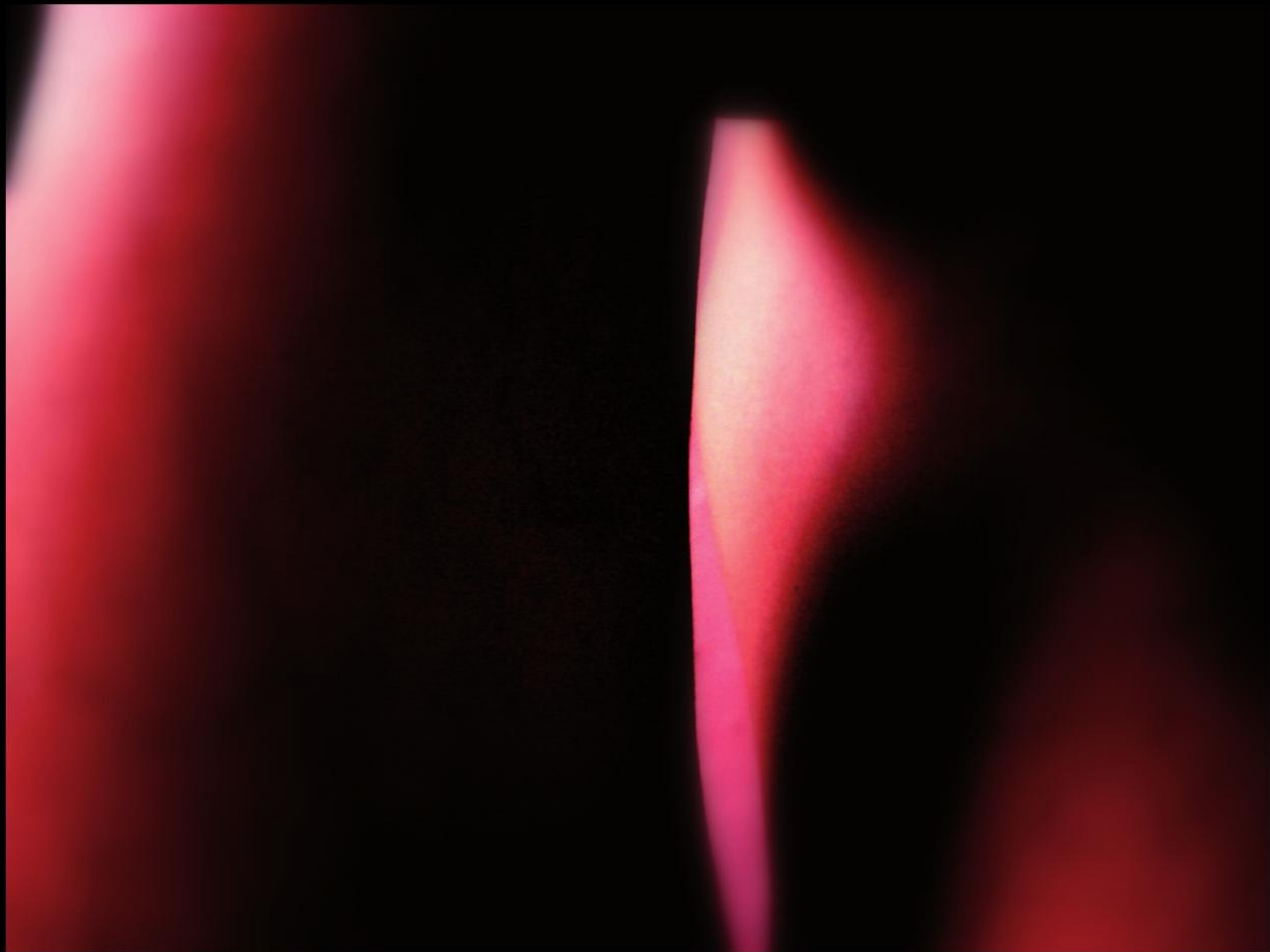














## PERSONAGENS: A HISTÓRIA COMEÇA...

Por Reynaldo Bessa

Se estiver sozinho em seu quarto, mesmo assim, dê uma olhada à sua volta. Encontrará objetos que pertenceram a algumas pessoas, ou que você os ganhou de presente, ou até mesmo que foram esquecidos: um guarda-chuva que seja, quando alguém foi lhe fazer uma visita. Vá mais além, abra gavetas, fuça. Haverá bilhetes, cartas, recortes, cartões-postais, sim, fotos. Ah, abra *o álbum de família* (isso ainda existe?). Ok, sei, é um exercício doído, solitário. Certo, então, pegue o interfone e converse com o porteiro, perceba como ele fala. Ele fala como você? É diferente? É igual? Como é? Mas você não mora em apartamento, tá, então saia, vá até o portão. Há muitas pessoas zanzando por ali; o carteiro, gente saindo do trabalho, do colégio, o jornaleiro, hum, o vizinho. Você tem um vizinho, certo? Enfim, não há desculpas: os personagens estão por toda parte como se caíssem do céu feito os sapos no filme *Magnólia*. Só falta parar para observá-los, vê-los, estudá-los. Continue. Se estiver na estrada e precisar parar em um desses restaurantes, e por uma acaso ouvir uma voz metálica anunciando as partidas dos ônibus. Atenha-se ao sotaque, a formalidade. Tente imaginar a idade da dona da voz – digamos que seja do sexo feminino –, o que ela gosta de fazer, onde estuda, se tem alguma mania. Tente dar um rosto a ela, uma estatura, um tique. Imagine como deve ser o sorriso, a rotina dela. Teria uma aparência melancólica, enérgica, triste ou feliz? Talvez more com a mãe que recentemente

contraiu uma doença rara, e ela, a menina da voz no alto falante, precise trabalhar bastante para comprar os remédios caríssimos. Ela deve guardar algum grande segredo. Todo mundo tem um ou vários. Imagine, imagine, imagine. Estou falando de pessoas, e estas são o ponto de partida para a criação dos personagens, e conseqüentemente de uma história. Na verdade, não existem histórias sem pessoas. Ah, professor, mas e a Revolução dos *Bichos*, do *Orwell*? Só existem animais ali, não existem pessoas. Existem sim, os bichos são referências a pessoas... Trotsky, Stalin não eram pessoas? No livro – uma sátira – os animais representam as ações e problemas humanos; socialismo x capitalismo. Pense, pense, pense, imagine, imagine, imagine... Vamos em frente. Ah, agora peguei você, professor: e os livros do *Art Spiegelman*? Não há pessoas. Só vi gatos, sapos, porcos, cachorros, renas, traças... Sim, está repleto de pessoas também. Na verdade, *Maus: A Survivor's Tale* é um romance gráfico produzido pelo estadunidense *Art Spiegelman* que narra a luta de seu pai, um judeu polonês, para sobreviver ao Holocausto. O autor retrata diferentes grupos étnicos através de várias espécies de animais: Os judeus são os ratos (em alemão: maus), os alemães, gatos, os franceses, sapos, os poloneses, porcos, os americanos, cachorros, os suecos, renas, os ciganos, traças, os ingleses, peixes. Em suma, o livro trata do antissemitismo. Taí um *Pulitzer*.

Os personagens são o centro nervoso da ação, a mola, o impulso, o movimento. Eles atiram a história na ladeira. Jogam-na do penhasco para que a coisa aconteça. Pessoas gostam de histórias porque de um jeito ou de outro são sobre as pessoas. O livro, aos olhos do leitor, é o espelho do *impossível* que ele pode realizar, ali, sentadinho. E pra haver essa identificação-relação têm de existir pessoas. Pode

até haver insetos, animais, um computador (Hal), o que for, mas essas coisas, de um jeito ou de outro, sempre acabarão nos remetendo a pessoas. Veja o conto do Machado de Assis, *O Apólogo*. Hum, uma agulha conversando com um novelo de linha e um alfinete, sei. Será que essas coisinhas inanimadas nos fazem lembrar pessoas? Parou pra pensar no comportamento de cada uma delas ali? E a *Mônica*, personagem do *Maurício de Sousa*. Sabe em quem ela foi inspirada?

Muitos escritores (os mais experientes) só começam uma história quando acham, definem, encontram, constroem, pensam, montem, criam um personagem. Com o seu registro linguístico\* e tudo mais. Caso contrário nem sentam para escrever a história em si: ação, espaço, tempo. Na maioria dos casos, o personagem é a sustentação, o motor da história. Tente imaginar *Madame Bovary* sem *Emma Bovary*, ou *Dom Casmurro* sem *Capitu* ou *Bentinho Santiago*. Tente imaginar *Crime e Castigo* sem *Raskólnikov*, e sua machadinha, claro. Na literatura contemporânea, tente imaginar *Joana a contra gosto*, sem a *Joana* e suas espirais, e sua languidez. Ah, seria uma coisa bem a contra gosto, não? Não dá. Um personagem *redondo\*\** é uma coisa que... *Putz*, sei que isso é *Merchandising*... E não estou ganhando nada por essa propaganda, até porque só gosto de vinho, mas... – desce redondo. Enquanto mais complexo, mais profundo, mais redondo, melhor. Personagens \*\*\**planos* bem construídos também são bacanas, cumprem o papel que lhes cabem, recheiam a história, mas com o tempo acabam esquecidos. Você consegue lembrar-se mais do índio *Peri*, o companheiro e protetor de *Ceci* em *O guarani* (não tenho muito saco para o Alencar) ou da empregada *Juliana* na obra máxima *O primo Basílio*, do realista luso, *Eça de Queiroz*? *Peri* é tão bonzinho, né? Enquanto *Juliana* é revoltada, invejosa, despeitada, amarga, traiçoeira,

maléfica, ambiciosa, e por isso tudo responsável pelo conflito do romance. Sem ela a obra seria apenas mais uma historinha romântica e não uma arma apontada para a cara da careta burguesia da época. Não estou falando de vilão ou de mocinho. Refiro-me à complexidade que encerra alguns personagens: a riqueza, o poder de transformação, a verossimilhança. O personagem *redondo* entra em sua mente, em sua alma, na sua vida. O *plano* só passeia, como aquele cara que vem no carro, para, pede uma informação e depois vai embora e pronto. Todos estes personagens secundários ajudam na solidificação do texto, no andar da história, mas é preciso mais do que isso. O texto é mais embaixo. Enfim, Personagens, personagens e personagens...

Não há uma *fórmula-padrão* para criação de personagens. Há tentativas, buscas, estudos, exercícios diversos. O resto fica por conta do escritor. Isso vai depender da sua bagagem de leitura, do seu repertório de experiências, do seu poder de percepção, de observação, da capacidade que sua mente tem de se entregar, de se envolver, de mergulhar... Se fundo ou se raso. A maioria dos personagens de Balzac tinha *certidão de nascimento* e até *atestado de óbito*. *Fiódor Dostoiévski* criava personagens tão redondos que sinceramente eu não gostaria de cruzar com ele, à noite, em alguma esquina. Nem pensar...

Há ainda um jeito de se pensar um personagem (sempre há): transição entre pessoas reais e personagens ficticiais (*Emma Bovary c'est moi*. Lembra-se disso?). Você faz uma composição entre pessoas que você conhece com as que você não conhece muito bem, acrescenta pessoas que você viu uma única vez, conversou muito pouco e outras que você só ouviu falar. Ao utilizar o método de composição, você monta personagens que são uma mistura de diversas pessoas. Você põe pra funcionar a sua *mente-liquidificador*. Em resumo, você

cria um personagem com a personalidade do seu pai, com um tique do seu melhor amigo, que fala como o padre da missa aos domingos, e manca como o seu tio. E ele também tem uma tatuagem como aquele cara que você viu correndo na rua, e tem um cheiro esquisito como o rapaz que estava na fila do supermercado. Enfim. Vá colando. Ele sonha em escrever um livro, assim, como você? Pode também. Ele mora numa casa parecida com a que você morou quando era criança ou numa outra que você gostaria muito de morar? De repente ele é tão metódico e pontual quanto o filósofo *Kant* a ponto do pessoal na rua acertar os relógios ao vê-lo passar... Sei lá... Isso não acaba nunca.

Agora pense qual foi o maior criador de personagens: Shakespeare? Balzac? Conhece algum personagem desses dois autores? Escolha um, estude-o. É redondo? É Plano? Observe aquele velhinho no parque olhando para um ponto no horizonte sem horizonte. Imagine o que ele está vendo, como o vê, o que sente. Quem é ele. Dê um nome. Riobaldo? Vautrin, Telêmaco? Otelo? Lucien de Rubempré? Holden Caulfield? Dimitri Karamazov? Augie March? Herzog? Henderson? Emma? Catherine? Capitu? Joana? Ah, são tantos. Mas sempre haverá espaço para mais e mais e mais. Mergulhe, se entregue, afunde, viva. Enfim, crie o seu personagem. E se depois você perder o total controle sobre ele, sim, se depois de tudo o que você fez – você o criou – ele o abandonar, você terá criado um grande personagem. Os melhores engolem o controle remoto logo que são criados. A primeira coisa que fazem logo ao nascer é cortar o cordão umbilical. (eles cortam, não você). Ah. Eu ficaria horas aqui. Nas minhas Oficinas de Escrita Criativa me utilizo de pelo menos dois encontros, só para pensar/estudar/criar/moldar/azeitar/inserir personagens. Mas... En-

tão...

Abaixo há um pequeno questionário (Resumidíssimo. Não haveria espaço aqui para as inúmeras perguntas que um escritor que se preza deve fazer ao tentar criar os seus personagens. *Se redondos, então.* E aproveite e crie também o seu questionário. São inúmeros os caminhos, as possibilidades, as maneiras). Vamos lá. Crie-os e depois pense numa história para eles. Depois me conte. Abraços e até a próxima.

- 1 - *Qual é o nome e o sobrenome do personagem (e pseudônimo, caso tenha)?*
- 2 - *Qual é o gênero do personagem? Masculino ou feminino? Qual é o local e a data de nascimento?*
- 3 - *Qual é seu endereço? Rua, cidade, região, país, e como notar sua casa?*
- 4 - *Qual é a cor dos olhos e dos cabelos, se os tem ainda? Qual sua altura, seu peso e demais medidas (tipo físico)?*
- 5 - *Qual é a qualidade de sua voz, seu estilo de falar e suas expressões favoritas?*
- 6 - *Quais são suas características distintivas ou gestuais (rói as unhas da mão, anda mancando...)?*
- 7 - *Qual é seu estilo de se vestir? Quais são suas roupas favoritas?*
- 8 - *Qual é seu grau de instrução e experiência? Quais os assuntos nos quais ele é o mais informado? E o mais deficitário? Quais são seus assuntos de discussão preferidos?*
- 9 - *Qual é seu histórico de empregos?*
- 10 - *Quais são seus objetivos profissionais?*
- 11 - *Os pais ainda estão vivos? Se não, quando e como eles faleceram?*
- 12 - *Se eles estão vivos, o que eles fazem? Quais suas experiências de*

vida?

13 - Quem são os outros membros importantes da família? (Irmãos e irmãs, pais adotivos...)?

14 - Qual é o tipo de sua personalidade? Seu estado mental? Sua natureza de base?

15 - Qual é seu temperamento? Qual é seu estado emocional?

16 - Quais são suas limitações, seus medos e suas inibições (bloqueios intelectuais ou afetivos)?

17 - O que faz depois do trabalho, depois da aula e no final de semana?

18 - Qual é a coisa que ele ama de verdade?

19 - Ele tem animais domésticos?

20 - O que faz seu personagem rir?

21 - Quem são aqueles que se põem no caminho do personagem? Qual tipo de relação eles mantêm com o personagem?

22 - O que é importante para o personagem? Suas ambições? Seus sonhos? Por quê?

23 - Como o personagem vê a vida?

24 - Como o personagem vê a si mesmo?

25 - Como o personagem é visto pelos outros?

26 - O que distingue o personagem das outras pessoas?

27 - Os leitores vão amar ou odiar o personagem? Vão se lembrar dele?

28 - Qual foi sua maior decepção?

29 - Numa frase, o que descreve seu personagem?

30 - o que o personagem quer? Obterá o que quer? Como?

\*\*\*\*\*

\* **Registro linguístico:** a alteração da fala que o falante utiliza para se adequar a determinadas situações em que se encontra. Não se fala com o pai como se fala com o médico. O jeito de falar com o melhor amigo é bem

diferente de quando falamos com um estranho. Com a namorada falamos de um jeito, e com alguém em uma fila de um banco que estamos tendo um primeiro contato, o jeito de conversar é outro, e por aí vai. Há diversos tipos de registros: muito formal, congelado, rígido, formal, neutro, informal muito informal, casual, e familiar.

\*\* **Personagens redondos:** apresentam um "eu individual", suas atitudes e reações não são narradas por uma imagem superficial antecipada porque derivam de um modo seu próprio de ser; de suas reações ante os acontecimentos. Tem densidade psicológica, uma vida interior complexa, surpreendendo frequentemente o leitor. Bento Santiago e Capitu, em Dom Casmurro, obra de Machado de Assis, são exemplos desse tipo de configuração de personagens.

\*\*\* **Personagens planos:** caracterizam-se por traços externos, sendo destituídos de profundidade. Seus traços já foram delineados no início da narrativa e normalmente não evoluem. Suas ações situam-se num plano previsível, não havendo surpresas.

REYNALDO BESSA (SÃO PAULO-RIO GRANDE DO NORTE) - Músico e poeta. Já lançou cinco CDs. O mais recente com músicas suas sobre diversos poemas de autores como: Drummond, Leminski, Auta de Souza, Alphonso de Guimaraens, Fabrício Carpinejar, Alice Ruiz, entre outros. Em 2008 lançou seu primeiro livro "Outros Barulhos - Poemas" (Prêmio Jabuti 2009 - Poesia). Em 2011 lançou seu livro de contos "Algarobas Urbanas". (editora Patuá).

Por Flaw Mendes

"ALGUMAS ÁRVORES EXISTEM HÁ MILHARES DE ANOS, SUAS VIDAS ABRANGEM TODAS AS CULTURAS E DINASTIAS DA HISTORIOGRAFIA MODERNA, SUAS RAÍZES CRESCEM EM ESPESSURA E PROFUNDIDADE A CADA ANO."

EPOCH TIMES

"...O MISTÉRIO DAS COUSAS? SEI LÁ O QUE É MISTÉRIO!  
O ÚNICO MISTÉRIO É HAVER QUEM PENSE NO MISTÉRIO..."

"...PENSAR NO SENTIDO ÍNTIMO DAS COUSAS  
É ACRESCENTADO, COMO PENSAR NA SAÚDE  
OU LEVAR UM COPO À ÁGUA DAS FONTES.  
O ÚNICO SENTIDO ÍNTIMO DAS COUSAS  
É ELAS NÃO TEREM SENTIDO ÍNTIMO NENHUM..."

ALBERTO CAEIRO

"...MESMO O HOMEM MAIS RACIONAL  
PRECISA, DE TEMPOS EM TEMPOS,  
NOVAMENTE DA NATUREZA,  
ISTO É, DE SUA ILÓGICA RELAÇÃO  
FUNDAMENTAL COM TODAS AS COISAS."



*De Ramon Diego*

## MARÉ BAIXA

Eu tenho medo do mar  
Eu tenho medo das águas  
Contra as solidões esparsas  
Lapidando as horas no tempo.

Eu tenho medo da força  
tempestuosa de sua ira  
e da sugestão exata  
de sua melancolia.

Eu tenho medo do mar  
Porque o mar não cabe em si  
E cada onda que sangra  
Ata-nos à existência.

Tenho medo do mar pois,  
logo eu, fadado a poeta  
de olho manso à imensidões  
Tremo aos menores sinais  
De nossas incompletudes.

## NÓDOA

Eu queria ter os pés  
de Ana Botafogo  
com sua leveza  
e altivez descomunais.

Queria ter o nariz  
de Ana Botafogo  
leme que aponta  
para a Ursa maior.

Queria ter as coxas  
de Ana Botafogo  
Instrumento árduo  
de cooptação artística.

Mas de Ana Botafogo  
eu só tenho  
as marcas da puberdade  
nas nódoas de um pôster.

## POEMETO ERÓTICO PSEUDO-EXISTENCIALISTA

Quando formos sair  
meu amor  
quero que leves  
apenas  
teu riso  
sem graça  
e um  
guarda-sol.

Tire esse teu  
arsenal  
cosmético  
e pega carreira  
em busca do mar.

Pois, a vida  
é como areia  
indesejada  
que fode  
com a gente  
devagarzinho.

## DOMINGO

O dia se despe  
na cortina velha  
que balança os móveis.

A tarde engatinha  
pelo gelo inquieto  
na dose de gim.

O homem chacoalha o copo,  
mistura as horas e,  
como num passe de mágica  
bebe-as de um gole  
só.

Billie Holiday reclama seu espaço  
ao fundo  
no canto esquerdo da sala  
engolida pela sombra  
esparramadapelavaranda  
*I honestly believe that you are bored*  
*You've changed.*

---

**RAMON DIEGO** (SERGIPE-PARAÍBA) – Poeta. Membro da AGL – Academia Gloriense de Letras e da Associação Cultural Sertão na Arte, publicou em 2013 seu primeiro livro de poemas, intitulado “Viagem Rasa”, oriundo do financiamento participativo dos seus leitores e conseguiu se firmar, por duas vezes consecutivas, entre os poetas classificados para a antologia TOC140 – Os cem melhores poemas do Twitter, organizado pela FLIPORTO nos anos de 2012 e 2013.

## ARTIGO

## CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NAS TIRAS DE LAERTE COUTINHO

*Por Laís Medeiros*

Retas, traços, pontos e cores, com todos estes dispositivos o cartunista desenha os mais diversos signos, atribuindo infinitos sentidos, criando inúmeras identificações. Ao pegar o lápis cria diversos contornos, múltiplos objetos e sujeitos. Sujeitos esses que nem sempre necessitam estar na zona do real, figurando também em universos que são materializados em literaturas, em telas e também nos quadinhos. E se numa folha qualquer é possível desenhar um sol amarelo que, acompanhado de cinco ou seis retas se chega a um castelo, como já disse Toquinho em sua música *Aquarela*, a partir dos rabiscos é praticável a construção e desconstrução de identificações. As tiras produzidas por Laerte Coutinho são exemplares do que foi dito anteriormente, visto que, como cartunista, produziu muitos personagens e em cada um deles trazia aspectos de discursos presentes na sociedade na qual estava inserida. Neste ensaio, teremos a oportunidade de conhecer dois deles e subjetividades encontradas no fundo de seus armários.

Antes de adentrar o universo das tiras, se faz necessário a apresentação de quem as cria, principalmente pela ligação que há entre as tramas dos enredos e a vida de sua autora. Nascida, no tempo ainda considerada menino por causa da existência do pênis, no dia 10 de junho de 1951, na capital São Paulo, Laerte Coutinho é considerada um dos expoentes na cultura de quadrinhos do Brasil. Sua família se

compõe de Lila Coutinho, sua mãe, José Moacyr Viana Coutinho, seu pai e ainda os rebentos Rafael, Diogo e Laila. Em 1969 ingressa na Universidade de São Paulo (USP) para o curso da Escola de Comunicações Culturais assim como, tempos depois, a de Comunicações e Artes. Ainda com relação à sua formação acadêmica, foi admitida nos cursos de jornalismo e música, contudo não levou até o fim nenhum deles. Seus trabalhos iniciais foram desenvolvidos ainda dentro do campo universitário, onde criou a revista *Balão* e chegou a receber prêmios. Na década de 1970 entra para *Gazeta Mercantil* e para a *Folha de São Paulo* enquanto desenvolvia, em paralelo, atividades junto a partidos políticos e movimentos sindicais.

Costumeiramente militante, Laerte introduz em suas tirinhas a sua visão de mundo, de maneira que quando decide levar ao fim e ao cabo sua transgeneridade, da qual falaremos adiante, isto a levou para os desenhos e transformou um personagem já consolidado em sua obra, em transgênero. Esse conceito também é apresentado através da abreviação *trans*, utilizada para designar os sujeitos da população transgênera. Para a elucidação inicial e sintetizada do termo se fará uso do trecho apresentado a seguir

transexuais – com identidade de gênero masculina ou feminina e não necessariamente separados, travestis – mantém trânsito entre masculino e feminino, hetero e homossexualidade, visto que não apenas fisicamente apresentam características de ambos os sexos, mas também elementos identitários dos dois gêneros podendo manter relações estáveis com pessoas de sexo biológico oposto. (SILVA; BARBOZA, 2009.)

Em 2004 Laerte publica uma tira (figura 1) que o personagem Hugo aparece num processo de montagem, sob a justificativa de ser

uma maneira de fugir da máfia que o perseguia.



Figura 1

A tira apresentada traz o personagem Hugo passando batom, depilando as pernas no segundo quadro e logo após, no terceiro, o mesmo aparece afirmando que “As vezes um homem tem que se montar”. Esta tira, que é publicada no ano de 2004, quando a autora tinha cinquenta e três anos, é significativa à vida e obra de Laerte, pois foi após a publicação desta que uma leitora, a arquiteta Maria Paula Manfitane, que também passou por essas experiências, entrou em contato com a cartunista e o questionou sobre se essas novas práticas do personagem não seriam demandas da própria autora “O fato de <Hugo> imitar o visual das mulheres certamente denunciava algo sobre mim - sobre ambições que eu me negava a explorar às claras. Foi quando recebi o e-mail de uma arquiteta, fã do Hugo. Quer dizer: de um arquiteto que abraçou a identidade feminina” (COUTINHO, Laerte. Revista Bravo, em 2010).

A partir das transformações na vida pessoal, as tiras de Laerte ganham novos contornos, o que deu margem para o surgimento de Muriel (figura 2).



Figura 2

Na tira apresentada acima se vê Muriel, que se materializa através de processos de montagem, não apenas estético ou corporal, mas principalmente através de uma série de discursos utilizados por Laerte, em suas tiras, construtores das identificações da personagem assim como da sua própria vida pessoal, tendo em vista que a autora perpassa por mudanças em história e assume sua identificação feminina – mais abertamente a partir de 2009, como a mesma fala em entrevista ao programa Provocações do dia 01 de março de 2011, apresentado por Antônio Abujamra.

Esse conjunto de discursos geralmente são apresentados em tiras publicadas no site dedicado exclusivamente à Muriel assim como o espaço que ela dedica as tirinhas nas quais discute assuntos relativos aos gêneros, às sexualidades.



Figura 3

A tirinha 3 nos traz o universo escolar e um discurso, presente não só no texto como também nos desenhos, que tem a intenção de criticar o modo como a cultura ocidental tem trabalhado as questões de gênero, nas figuras de professores, alunos e funcionários. No primeiro quadro há um globo terrestre desenhado quadrado, diferente de sua forma original ele está ao lado dos seguintes dizeres “Escola infantil, primeiro mundo” e remete a seus leitores, através do uso da ironia, a ideia de que essa escola, assim como o seu mundo, são retrógrados, quadrados. Nele ainda aparece o que seria a professora dando boas vindas às crianças, de maneira a demarcar nitidamente a dicotomia quando diz “crianços e crianças”, realizando uma separação semântica que nem mesmo existe em nosso vocabulário.

Nos dois quadros seguintes as falas das personagens seguem a linha do discurso heteronormatizador que pretende formar homens e mulheres normais e para tanto a tira pode passar a ideia de que é necessário iniciar esse processo de produção dos sujeitos dando roupas que seguem essa mesma lógica, uma camisa rosa para quem é menina e uma azul para menino – esta é uma maneira na qual o binarismo se apresenta cotidianamente, praticamente na maioria dos espaços assim como faixas etárias. O fechamento da tira se dá com a imagem dos infantes presos em camisas de força, sendo as respec-

tivas das cores atribuídas ao sexo de cada um. Uma nítida crítica de Laerte à educação que nos é oferecida, não apenas na escola, mas dentro dos meios de sociabilidade em geral, pautada nas diretrizes do sexismo para construir lugares sociais delimitados aos sujeitos. Esse modelo educacional corrobora para a reafirmação e consolidação dos papéis de gênero, onde a mulher cabe vestir o rosa, que foi estabelecido como a sua cor, que representa a sensibilidade, e ao homem vestir azul, demonstrando a virilidade masculina. A eles caberá sempre o espaço público, o direito a fala e a existência social real. Elas são educadas para o campo do privado, para profissões que envolvem o cuidado que exige o instinto maternal nelas sempre existente.

Ainda acerca da cultura educacional presente na sociedade ocidental se apresenta a trama da tira 4:



Figura 4

Na tira 4 Muriel volta ao “além”, representado por um indivíduo vestido de branco e sem formas ou curvas muito elaboradas, dando a não especificar claramente o seu gênero, exigindo que em sua reencarnação tivesse um pai que não se identificasse com as ideias machistas. Em seguida, na sua nova chance de nascimento, aparece a um homem que parecia enfim satisfazer o pré-requisito que estabeleceu, se deparando com um discurso de respeito a liberdade e à

diversidade. Contudo, no último quadro a história do bebê Muriel sofre uma reviravolta. A figura paterna antes compreensiva, agora se apresenta de maneira a se mostrar verdadeiramente, revelando a Muriel que a mesma foi pega numa cilada, visto que o discurso agora se pauta na necessidade da construção de uma imagem, assim como da identidade de macho, que é a recomendada, e bem mais além, exigida pelo universo ao qual esses personagens pertencem.

A educação pautada no sexismo é um dos elementos formadores do sujeito ideal, de perfil completamente alinhado, que se apresenta de forma congruente de maneira a harmonizar suas identificações de gênero, desejo e sexo. Tal modelo é o que Judith Butler vem chamar de performance, consistindo na fabricação de modelos construídos a base de normas, que são constantemente reforçadas, reiteradas pelas instituições e seu poder. Sugere que somos criação e até mesmo o gênero ou o sexo são produtos e tem a demanda do reforço através da atuação dos papéis de gênero, dia após dia. Por outro lado é importante perceber que como afirma Pereira (2006) quando diz que “Se as sociedades inventam formas de regular e de materializar o sexo nos sujeitos, e se essas ‘normas regulatórias’ necessitam ser repetidas frequentemente, citadas e reiteradas amiúde, há, contudo, torções e lapsos no processo” (p.470).

A partir dessas transformações ocorridas nas formas de se ver e pensar o gênero, além da sexualidade, se cria a dicotomia que consiste naquele que é aceito e do outro lado aquele que é impróprio. As possibilidades de identificações com os gêneros vão sendo diminuídas e postas de lado, se configurando as experiências em binarismos que de maneira resumida se moldam em o que se é permitido e aquilo que não pode existir, sendo ferozmente condenado através desses códigos

culturais assim construídos. Louro fala em Pedagogias da sexualidade que “As sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais) e aqueles que ficam fora dela, às suas margens.” (2000, p.15).

Os espaços são então demarcados de maneira meticulosa, cada centímetro delimitado pela normatização existente em “uma lógica social e cultural que bane a autonomia corporal e nega reconhecimento social aqueles que não são identificados com os ideais normativos do sexo e sua lógica binária e heterossexista.” (PINO, 2007, p.159) Essa perspectiva é representada por Laerte, nem de maneira passiva ao aceitar sem questionar qualquer ponto, muito menos de maneira a negar completamente, mesmo que em diversas tiras seja visível a insatisfação com as posições binárias sob a qual nossa sociedade é culturalmente baseada e é também pulsante o desejo da ampliação de algumas ideias que permitiriam, por exemplo, a não necessidade de ocupar um lugar identitário – o que talvez seja considerado utópico ainda para os prumos das pesquisas históricas, mas que já aparece enquanto anseios dos sujeitos contemporâneos. Mas ainda falando no que toca a questão da criação e manutenção de códigos sociais que cristalizem o esquema binário de classificação do gênero na tira fica nítido um dos elementos do mesmo.



Figura 5

“Vamos reeducar você!”, “...vai voltar a ser homem, Hugo!”, “Se vestir como homem!”. Essas são as frases encontradas no início da tira 5, onde seus antigos companheiros do Clube do Tranco lhe impõem o dever de se comportar como o macho que eles cresceram aprendendo que deveriam ser. As representações do homem macho trazidas por Laerte são sempre recheadas de semblantes mal encarados, que levam a impressão da fala alta, da exaltação e da imposição através da violência, física ou não. Para os integrantes do Clube não é necessário que se fale só como homem, maneira já apontada anteriormente, a identidade e o reconhecimento do macho tem que vir também a partir da forma que o mesmo tem de peidar. E no quadro seguinte chega à interpretação realizada pelo personagem Rubão que emite sons e gestos próximos aos que se atribui aos cavalos, como o relinchar e o erguer das patas traseiras que se configura num coice, e ainda através de flatulências. Laerte Coutinho representa esse arquétipo de homem baseado numa imagem que remete ao grotesco, aquele que não pode ter e menos ainda demonstrar qualquer ato de sensibilidade, a ele não são permitidas as lágrimas, nem a delicadeza. Esse homem precisa demonstrar sempre a virilidade a partir da dureza, da atração física sempre pelo sexo oposto, para que nunca se tenha

dúvidas.

Contudo, Laerte também traz tirinhas que se contrapõem a tais modelos inalcançáveis de homens e mulheres, como na tira 6



Figura 6

A tira acima é uma brincadeira, que não tem nada de despreziosa, pois brinca com a metáfora que simbolizaria o enrijecimento dos gêneros apresentado na figura das frutas, na qual a banana com ameixas simbolicamente seria o falo, a masculinidade e a carambola a genitália da feminilidade. Contudo, Muriel nega essa metáfora quando se monta e se remete à figura de Carmem Miranda, mas usando como grande brincadeira a diversidade de frutas que a mesma usava – dessa maneira essa grande salada de frutas seria o desejo de não se limitar a apenas dois modelos de identificação.

As tiras nas quais Laerte apresenta Muriel são repletas de maneiras de afirmar a existência de sujeitos e corpos que fogem, mesmo que não por completo, das amarras de tais regulamentações que parecem ‘qualificar’ os corpos como humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta ‘menina ou menino?’ é respondida” (BUTLER, 2010, p.162). Seguindo tal perspectiva, nas pesquisas relacionadas às questões de gênero, fala-se, nesse sentido, em corpos e

sujeitos considerados como inteligíveis. Esses, seriam aqueles que se mantêm em consonância com a execução contínua das normas sociais então estabelecidas como hegemônicas em nossa cultura. Antes de mais nada, é necessário o entendimento de que o próprio corpo não é uma entidade imutável, ele também é elaborado, “o corpo” não deve ser visto como passivo em relação ao gênero. “Mas o ‘corpo’ é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de ‘corpos’ que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero” (Butler, 2010, p.27).

Em contrapartida, quem se dispõe a combater a completa normalização social dos sujeitos e vivencia seu corpo, sua sexualidade e sua identidade de gênero de maneira a não se configurar em conformidade com as regras impostas e ditadas para vivê-los é considerado abjeto, termo utilizado inicialmente por Butler. Por abjeto entende-se por “corpos que deslizam nas representações do que se considera como verdadeiramente humano, situando-se nos interstícios entre o que é normal e o que é patológico (PINO, 2007, p.153)”. A população transgênera pode então ser considerada abjeta, na medida em que são sujeitos desestabilizadores das concepções de gênero, por viver em trânsito entre as fronteiras dos mesmos.

As tiras de Laerte Coutinho nos possibilita o contato com esses sujeitos, falo utilizando o plural, pois seus trabalhos publicados permitem não só o conhecimento da personagem Muriel, as tirinhas nos trazem outros perfis, como na tira 7, que se configuram contrários às representações de corpos inteligíveis que “abrangem nossas representações científicas, filosóficas e estéticas sobre o corpo – nossa concepção cultural de corpo, que inclui normas de beleza, modelos de saúde e assim por diante” (Bordo, 1997, p.33).



Figura 7

A tira 7 nos traz uma outra representação de travestis, a de sujeitos que nasceram com a genitália considerada feminina, mas que se reconhecem enquanto identidade masculina, não tão comum no imaginário social, visto que há uma imagem caricaturada construída a partir de elementos carnavalescos e geralmente afeminados. Na figura posta anteriormente vê-se a personagem da tia Carla se utilizando de argumentos religiosos para tentar mostrar a Estênio, que aparece vestido de calça e uma camisa que não permite a aparição de seios, que ele deve continuar a ser Verônica, já que seu deus lhe trouxe ao mundo dotada de uma vagina e que em sua forma de ver o mundo já diz que dessa maneira se é mulher. Essa ideia é reforçada no quarto quadro, quando Estênio afirma que tal nome quer dizer força, por outro lado a sua tia reafirma sua visão de mundo ao enfatizar que Verônica significa verdade, passando a noção de que seu



sexo biológico traz a exatidão condizente a seu gênero. Os discursos reguladores dos sujeitos são produzidos de muitos lugares distintos, de instituições como a da ciência médica e por outro lado o religioso, como encontrado na tira apresentada acima.

Tais tirinhas, nas quais Laerte insere a temática de gênero, sexualidade, desejo e afins, são também discursos que a autora se utiliza para consolidar as experiências que fogem aos padrões construídos e cultivados em nossa cultura. Essas perspectivas são uma espécie de arcabouço em que ela mesma se apoia tanto para sua saída do armário, quanto para a vivência e permanência fora dele.

Após discutir essas questões nas quais os discursos binários interferem diretamente, torna-se necessário pensar esses corpos, esse sujeitos de maneira que os mesmos não estejam enquanto os apontados como desajustados, como anomalias, como pessoas de sanidade mental, pelas suas vestimentas, por causa das transformações produzidas ao modificar, por muitas vezes de forma brutal, suas próprias estruturas físicas. Não se deve pensar, tanto socialmente quanto cientificamente, as diferenças enquanto ou como desigualdades, elas precisam ser analisadas e vivenciadas de maneiras que fujam dos binarismos que compõem nossa cultura heteronormativa, machista, sexista, misógina, transfóbica, dentre outros rótulos que podem qualificá-la. Como disse uma vez João Nery “Não nasci num corpo errado, nasci na sociedade errada” (NERY, 2013), esses sujeitos não possuem experiências de corpos errôneos, mas da necessidade que a cultura da qual fazem parte possui em torna-los congruentes, ao ponto deles sentirem a impossibilidade de viver suas identidades de gênero, seus desejos, suas orientações sexuais sem antes enveredar pelos caminhos das transformações corporais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In.: O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2ª Edição, Autêntica, Belo Horizonte 2000; 110 – 125.
- LOURO, G.L. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>. Acesso em 10 de julho, às 15:10.
- SEDGWICK, EveKosofsky. Cadernos Pagu, número 28, janeiro-junho de 2007: 19-54

---

LAÍS MEDEIROS (PARAÍBA) – Historiadora. Graduada em História, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Atualmente se dedica ao mestrado de mesma área na UFCG, no qual pesquisa as questões relacionadas à gênero e identidade.

## PANÓPTICO

*Por Edson Tavares*

Anetsia, estranho nome para uma mulher linda. Deve ser estrangeira. Sentada à mesa, no oposto da grande sala, coloca-se em cheio no foco de visão de Astolfo, que, protegido pelo panóptico providencial de uma coluna, pode admirar à vontade a bela dama. Os olhos do rapaz, de fixos, já não pestanejam... passeiam ansiosos pelo pescoço em que deslizam teimosos fios de cabelos que escapam à prisão feita ao acaso; o olhar embaça-se na curva acentuada dos seios, fartamente cedidos por generoso decote...

Suas anteninhas vibram ao sentir o sorriso que escapa daqueles lábios carnudos... Anteninhas?! Verdade, não sabe como, nem por quê, um par de antenas treme sobre a testa de Astolfo e a mesa parece cada vez maior e mais distante do seu alvo... Debate-se, procurando melhor posição para continuar sua observação, mas atrapalha-se nos três pares de pernas que sapateiam rápidas por sobre o tampo da mesa, tentando se proteger do vendaval produzido pelo ventilador de teto.

A minúscula formiga caiu, imperceptivelmente entre os fios de cabelo de Anetsia... um perfume inebriante, delicioso, penetrou pelas narinas do inseto com tal intensidade que a elas grudou, não importando quantas vezes passava as patas no nariz: aquele cheiro fez-se também dele, penetrou-lhe, trouxe-a para dentro de si.

Explorando o espaço inclinado, deslizando pé-de-lamente, passa ao lado de dois lagos brilhantes, cercados de escuros fios que

brotam-lhe das margens e as protegem mas também as embelezam, em sua negritude e leve curvatura para fora.

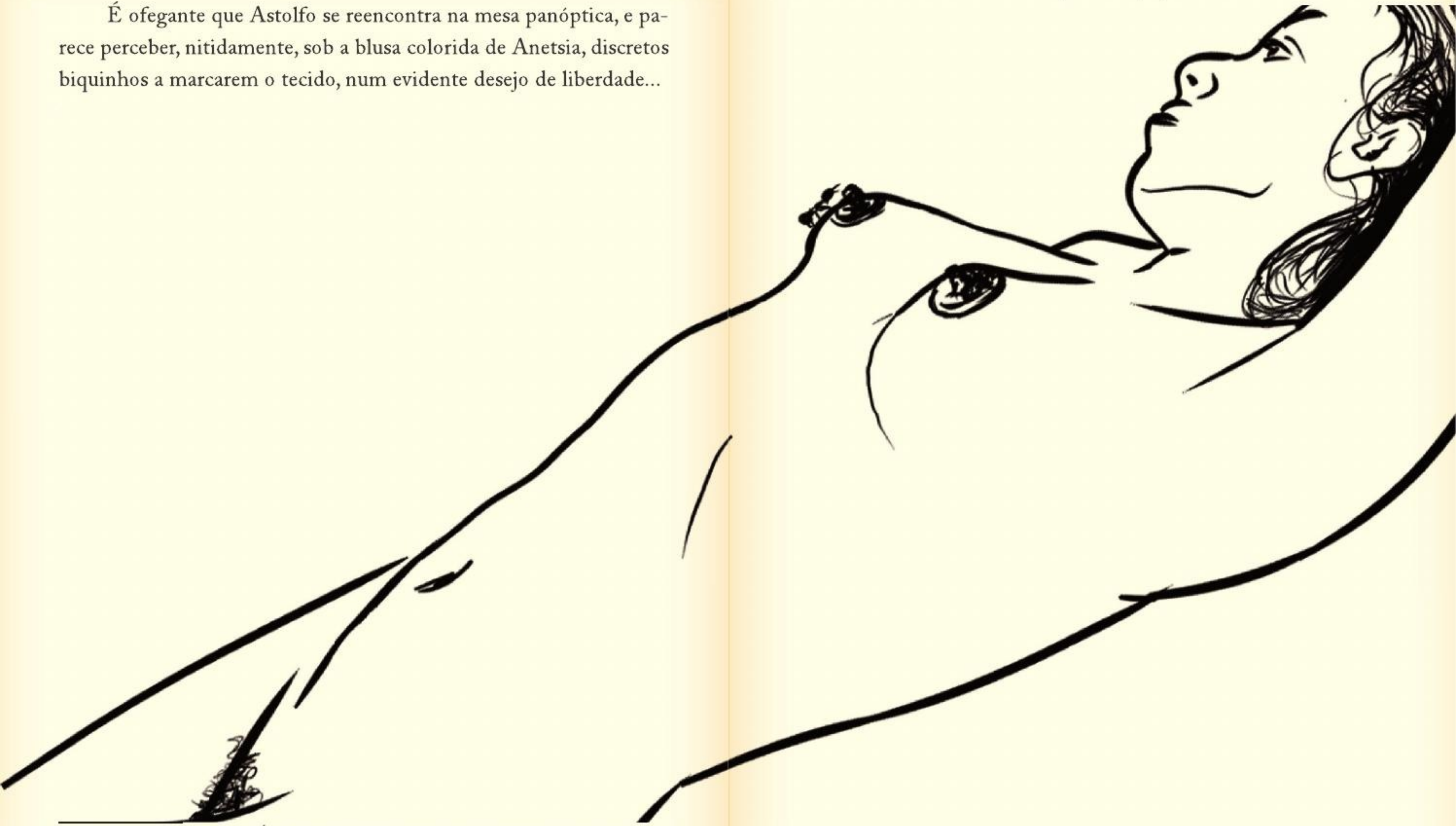
O caminho vai se fazendo íngreme, até o encontro com dois belos e perfeitos montes, que o inseto faz questão de explorar, aproveitando-se da generosidade oferecida. Em círculos concêntricos e cada vez menores, vai se aproximando do cume de um dos elevados, onde se instala uma perfeita auréola, de cor mais escura que o restante do terreno, e que, inesperadamente, parece agora maior em seu ápice de que quando começara a escalada... na verdade, a formiga percebeu que o solo foi se fazendo levemente áspero, à medida que caminha em direção ao centro do monte.

Esgueirando-se entre o vale perfumado, a formiga foi descendo em direção ao desconhecido, atravessando longitudinalmente o – para ela – largo caminho, que estranhamente parecia ter movimentos próprios de subir e descer, até vislumbrar uma floresta estranhamente negra e, mais estranhamente ainda, atraente...

Encaminha-se para lá, vai, aos poucos e cuidadosamente, se enfiando pela mata densa, encontra seus caminhos, enquanto um cheiro ainda mais delicioso o atrai ao centro daquele espaço mágico: é uma caverna circulada por como que lábios, que terminam se encontrando nas extremidades; na superior, uma protuberância parece crescer, à medida que a formiga dela se aproxima – ao escalar aquela pequena elevação percebe uma enxurrada brotando das paredes da caverna, e em tal quantidade, que se derrama, inundando a extremidade oposta da caverna.

Sem mais conseguir se conter, o inseto deixa-se levar pela cachoeira de cheiros e oleosidade indescritíveis, perdendo-se para sempre no muito molhado que envermelha a caverna incandescente...

É ofegante que Astolfo se reencontra na mesa panóptica, e parece perceber, nitidamente, sob a blusa colorida de Anetsia, discretos biquinhos a marcarem o tecido, num evidente desejo de liberdade...



EDSON TAVARES (PARAÍBA-PERNAMBUCO) – Escritor. Professor de Literatura da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Dentre os livros publicados, destacam-se “Nítido como um girassol” – Metamorfoses do olhar em Alberto Caeiro, Avaníssima – a vida de uma estrela e Outra história da mesma coisa – este ainda inédito, a ser lançado este ano pela Eduepb.

## O AEROPAGO

## CHEGA DE SAUDADE®

*Por Valdênio Menezes*

É com grande orgulho que uma coalizão internacional de cientistas anunciou a invenção de uma máquina de teletransporte específica para pessoas que estejam sentindo saudade. O mecanismo consiste em uma poltrona em que o “teletransportante” senta e deixa seu corpo ser conectado por eletrodos que, por sua vez, são programados para detectar os impulsos elétricos e neurotransmissores que o cérebro emite quando um ser humano sente saudades. Caso a máquina detecte ondas cerebrais compatíveis com o sentimento de saudade, é acionada a complicada aceleração de átomos que gera energia para a transferência direta da matéria do corpo para qualquer local do mundo em um tempo de no máximo uma hora. “Basta apenas sentir saudade de alguém e que próximo ao local que esse alguém esteja tenha uma subestação para finalizar o teletransporte”, declarou um dos pesquisadores da equipe que criou a máquina.

Dentro dessa nova era dos deslocamentos humanos, alguns novos problemas se avizinham. Cientistas, políticos e lingüistas portugueses rapidamente articularam uma campanha para patentear o nome da máquina, alegando que a palavra “saudade” seria exclusividade do idioma lusófono. Em um longo manifesto, contendo inúmeras citações dos poetas Camões e Fernando Pessoa, composições de Fado e frases dos navegantes do século XVI, os lusitanos defendiam um suposto privilégio da língua portuguesa de ter um verbete específico para descrever os sentimentos de melancolia que tomam o ser humano ao sentir falta de alguém ou algo distante. Desviando das

questões de uma grave crise econômica que atravessava o seu país, o presidente português exaltava a volta de Portugal ao seu “lugar” de vanguarda das grandes viagens de descoberta da humanidade; agora não mais em naus e caravelas, mas nas poltronas do teletransporte. Por sua vez, alguns artistas do Brasil tentaram elaborar seu próprio “manifesto da saudade”, alegando que esta palavra teve seu significado bastante influenciado pela cultura musical brasileira. Os brasileiros exigem que, ao menos, sejam tocados os clássicos da bossa nova como música ambiente nos compartimentos da agora chamada “Máquina da Saudade”. Nessas disputas, não foram ouvidas as ambições políticas, culturais e nem sequer as opiniões dos representantes dos países lusófonos da África e Ásia. Esses continentes ganharam o centro das discussões quando ministros e embaixadores de alguns Estados europeus declararam preocupações quanto à possibilidade de quando a “Máquina da Saudade” fosse popularizada e gerasse uma imigração em massa - via teletransporte - para a Europa de parentes dos cidadãos descendentes de africanos e asiáticos. Os EUA também declararam algo parecido, ao temer uma invasão de mexicanos e “outras espécies de latinos”, nas palavras de um senador texano. Os parlamentares destes países prometeram propor leis e estatutos para controlar a saudade dos imigrantes e de seus familiares para, assim, manter a paz e a ordem pública.

Setores das classes empresariais das grandes multinacionais levantaram também as possibilidades do uso comercial da Máquina da Saudade como uma forma de transporte rápida para evitar gastos de dinheiro e tempo com horas e horas de escalas e vôos dos representantes comerciais. Contudo, como já foi dito, a máquina apenas funcionava com neurotransmissores específicos da “saudade”: os em-

presários, acostumados à vida dinâmica de várias viagens, reuniões e compromissos em diferentes países pouco se importavam em sentir saudades e, se sentiam, era longe dos locais de negócio e das salas de empresas que estavam as pessoas que lhe faziam falta. As empresas de transporte aéreo, assustadas com a possibilidade de perder passageiros e até mesmo sua função, lançaram promoções que em outros tempos soariam irreais devido ao preço baixo das passagens. Uma conhecida multinacional do ramo farmacêutico lançou investimentos de pesquisa para que cientistas isolassem os tais transmissores químicos que permitem ao cérebro humano sentir saudade para fazer uma espécie de pílula ou até mesmo uma injeção para viabilizar as viagens dos homens de negócio na Máquina da Saudade. A “aspirina da saudade” iria se juntar às já conhecidas drogas, lícitas e ilícitas, para dormir, manter-se acordado, acalmar e controlar a ansiedade, controlar o apetite e outras disfunções do corpo humano submetido a uma rotina de viagens e compromissos que ultrapassam as 24 horas.

Debates filosóficos e teológicos foram mobilizados pelas possibilidades da “Máquina da Saudade”. Sociólogos e movimentos sociais preocupados com as transformações nas relações sociais causadas pela nova invenção começaram a denunciar os perigos de uma “ditadura da saudade”, para se encaixar nos padrões definidos pela Máquina. Nos bares e restaurantes, bêbados e poetas clamavam versos aos sentimentos de saudade, faziam piadas e se questionavam se aos domingos- dia maior do tédio e do carrossel de lembranças mais forte – haveria um congestionamento e filas infinitas para utilizar as máquinas. Também aos domingos os padres falavam suas preocupações e faziam reinterpretações da bíblia para adaptar os dogmas da Igreja Católica de acordo com as cartas e declarações do Papa sobre

a Máquina da Saudade. Alguns fiéis mais exaltados falavam que esta máquina era uma tentação e um sinal do Fim do Mundo: era nada mais que o arrebatamento de pessoas profetizado no livro de Apocalipse. Os recém-casados, já estavam questionando sua fidelidade ao matrimônio, jurada diante de seus cônjuges e a Deus, caso pudessem usar discretamente a Máquina para rever seus namorados e namoradas do passado que ainda tinham saudade. As cartomantes, mesmo as mais honestas, pensavam em como mudar suas propagandas nos jornais: falar que “traz a pessoa amada em três dias” não faria mais sentido após a invenção da Máquina da Saudade. Aqueles que sentiam a mais dura das saudades – a da morte – enchiam os que tinham esperança de que a Máquina fosse um dia aperfeiçoada para que pudessem rever os parentes mortos que tanto eles guardam nas suas memórias.

Cogitava-se também a possibilidade da Máquina teletransportar partes de si, distribuindo-se em vários locais com as diferentes pessoas que sentiam saudade. “A cabeça estaria no bar com os amigos, o corpo com as amantes, e talvez um pedaço da perna para os filhos”. Alguns, não satisfeitos em matar a saudade de pessoas, queriam saber se a Máquina também possibilitaria viajar no tempo e reviver momentos marcantes das suas vidas que deixaram saudades. Será que a Máquina da Saudade resolveria a eterna fábrica de insatisfações humanas, de desejar incessante e de imediato coisas que não vai poder alcançar?

As últimas notícias que temos falam de conflitos, protestos e resistências por parte de jovens de vários países a se cadastrar nos programas governamentais da Máquina da Saudade. Eles alegam que a Máquina vai fazer com que se perca a magia dos laços sentimentais

entre os seres humanos. Preferem utilizar os meios de comunicação comuns como a internet, telefone e videoconferências para expressar sua saudade. Alguns adolescentes resolveram radicalizar a luta e aboliram até mesmo os celulares das suas estratégias de saudade. Montaram grupos de resgate de poesias e livros – um neo romantismo anti-teletransporte – e enviaram apenas cartões postais, telegramas, bilhetes e cartas as pessoas que lhe sentem falta. Também houve a proposta de manter de um a dois anos sem contatos os amigos e fazer visitas surpresas, pois assim “pode-se aproveitar mais intensamente os efeitos alucinógenos da saudade”; diz uma jovem francesa de 16 anos – vestida como uma nobre do século XV, que aboliu o celular e redes sociais da sua vida e pretende passar o próximo ano apenas visitando amigos de infância que não vê há muito tempo. Um movimento mais violento são as ameaças de grupos terroristas de explodir bombas e seqüestrar cientistas que estejam envolvidos nos projetos da Máquina da Saudade. Os serviços de inteligência de vários países investigam se esses terroristas estão sendo financiados diretamente pelas empresas do setor fonográfico que temem que a Máquina torne obsoletas as vendas no mercado de músicas. Como compor canções e emplacar sucessos de amor em um mundo que não há mais a saudade?

---

VALDÊNIO MENEZES (RIO DE JANEIRO-PARAIBA) – Cronista e Sociólogo. Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

**!Blecaute**  
Revista de Literatura e Artes



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)  
[www.facebook.com/revistaBlecaute](https://www.facebook.com/revistaBlecaute)  
[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)  
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

## ACORDEI CEDO DEPOIS DE DORMIR MAL

*Por Sidney Fortes Summers*

A forma mais fácil de enlouquecer continua sendo a mesma, a longa estadia sob os cuidados do isolamento, a entrega incondicional e involuntária à solidão. As vezes esse é o caminho mais agradável e nem chega a ser difícil. Os yogis e ascetas até apostam, barganhando com a fé, que ganharão poderes ou evoluirão com a privação. De qualquer sorte, este não é o único meio. Bem o digam os santos anacoretas que se banharam na lama e na podridão para se purificarem. Paulina estava no meu quarto, literalmente, debruçada sobre meu mapa astral. “Uma lua dignificada em câncer, que problemão voce tem” e continuou: “Venus em aquário na casa três? Casa natural de gêmeos, sujeito inconstante no amor, voce...” Fui ao banheiro. Admirei minha cueca quando defrontado ao espelho. Era cor de vinho. Comprei-a com a certeza que sua cor era viva e atraente, mas ela era de um verde musgo meio morto e nojento, um equívoco na tradução daltônica dos meus olhos. Melhor continuar com o latim.

Eu estava pronto para mijar quando notei a presença que me encarava à direita do vaso. Tentava me intimidar, suponho. Outra, mais tímida, permaneceu escondida detrás da latrina, cúmplice dos auguriosos protestos do inseto líder. Talvez fosse apenas um jovem casal cuja foda fora interrompida. Aqueles eram os melhores mo-

mentos. Retirei-me do cômodo me dirigindo ao quarto. Paulina estava ainda na mesma posição, ainda estava entretida com o meu mapa. “Plutão dignificado, regido por escorpião, percebo aqui uma tendência a autodestruição. Thanatos subjugaria facilmente a Eros se não fosse essa sua simpática venus associado ao seu marte também em escorpião. Mas pelo que, até então, conheço, voce só desenvolveu as características negativas e impulsivas dos seus signos regentes. Seu marte natal na casa três ou quatro...”.

Sensação estranha. Acho que não conseguiria manter mais qualquer segredo oculto da Paulina. Ela tinha uma missão: me dissecar astrologicamente. Finalmente eu seria decifrado economizando a fortuna necessária para que o analista fizesse o mesmo. Cada um vive sua realidade. Parte por escolha, parte por imposição, decolando em livres vôos pelas prisões inescapáveis do nosso momento histórico. A minha consistia em dirimir o prazer dos insetos. Ao menos, naquele momento. O inseticida corrompe a moral humana. Mesmo Rousseau reformularia sua perspectiva acerca da bondade natural do homem se, ao advento do inseticida, presenciasse. As cubro com a nuvem de brancura e morte, espectador do estertor que se aproxima decisivo. Aranhas, formigas grandes, baratas... Qualquer coisa serve. E sempre sobra um agradabilíssimo aroma de eucalipto.

“Sol em aquário com ascendente em peixes. Acho lindo quando voce não funciona bem de acordo com a realidade”. A realidade é como chamamos esse sonho absurdo em que absurdamente existimos! – penso. Talvez eu te ame mais do que imaginas,

Paulina. Mas não é por falta de coragem que não assumo isso. Uma boa crusta é necessária para proteção. Uma boa casca serve para amenizar as quedas, até que uma ponta de nariz frio revele um sentimento, até que o tremor de uma perna numa noite quente denuncie uma emoção. Procuro pelo capítulo do Grande Inquisidor, Irmãos Karamazov.

---

SIDNEY FORTES SUMMERS (BAHIA) Escritor. Co-autor dos livros "Ratos com Asas" (Clubedeautores) e "Pão com Recheio de Sobras" (ainda inédito), autor de "Prazer, Sid!" (AgBooks), "Como os Velhos Cães" (Coisa Edições) e "Os Dias Quentes se Arrastam Mornos" (coletânea a ser publicada também pela Coisa Edições). Tem textos publicados em diversas revistas nacionais (Ellenismos, Cruviana, Jornal Relevo, Desenredos, Cinzas no Café, Verbo 21, dentre outras) e internacionais (Moçambique, Argentina, Portugal, Suíça e México). Como roteirista trabalhou nos curtas "Olho Mágico", "Aroma Café com Cinzas" e na web-série de quatro capítulos "Mata Alta". É co-editor da revista Evoé, membro do conselho editorial da revista Cruviana (6ª edição) e estudante do bacharelado interdisciplinar em artes da UFBA.

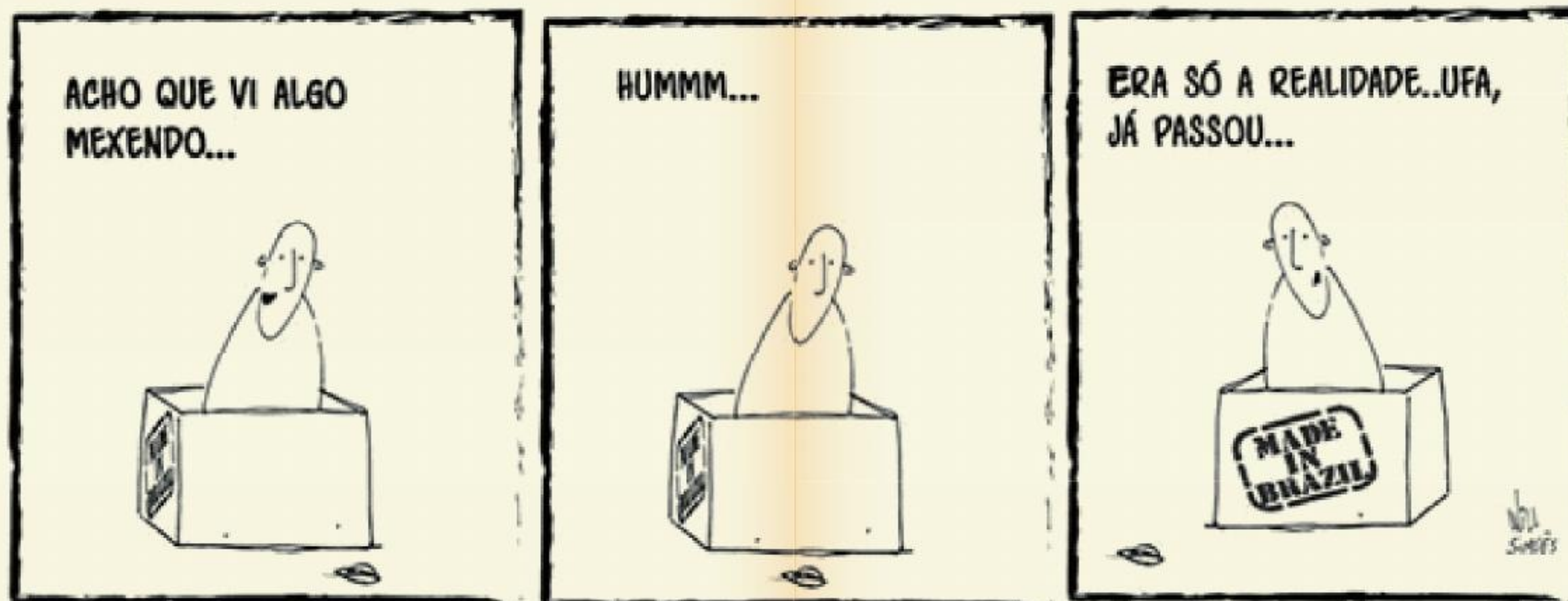


[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)



## MEKATRONIA - O HOMEM QUE VIVE DENTRO DE UMA CAIXA

BY WILL SIMÕES



WILL SIMÕES (PARAÍBA) – Artista visual autodidata, pós-graduado em Política e Gestão Pública com ênfase em Democracia e Sociedade (UFCG), na área de quadrinhos e cartuns tem trabalhos premiados e selecionados em eventos nacional e internacional.

## DO INFERNO: VISÃO PSICANALÍTICA DAS MOTIVAÇÕES INCONSCIENTES DE JACK, O ESTRI-PADOR, NA NARRATIVA DE ALAN MOORE

*Por Cleriston de Oliveira Costa*

### Um estado de trevas: Introdução

Uma das figuras mais infames da história contemporânea, o indivíduo que viria a ser conhecido como Jack, o Estripador, até hoje exerce um fascínio macabro sobre as pessoas. Em parte, por conta de nunca ter sido capturado (tampouco ter sua identidade revelada), e parte graças ao mistério envolvendo não apenas a escolha de suas vítimas, mas também os métodos utilizados para eliminá-las, quase sempre de maneira brutal, no distrito de Whitechapel, na Londres da segunda metade do século XVIII.

Com o passar dos anos, diversas pesquisas históricas (algumas com razoável grau de aceitação no meio acadêmico, outras não) teorizam sobre o autor dos crimes, bem como suas motivações para cometê-los. Ao mesmo tempo, uma mística se formou ao redor dessa personagem, tornando-a recorrente em diversas mídias, que incluem inúmeros filmes para cinema, livros e histórias em quadrinhos, entre outras. E em cada uma, novas versões para as motivações e identidade da personagem são apresentadas – algumas fantasiosas, outras mais realistas.

A versão dos fatos apresentada pelo inglês Alan Moore (junta-

mente com o artista Eddie Campbell) opta por tentar se encaixar na segunda categoria. Fruto de uma extensa pesquisa que durou quase dez anos, o romance gráfico policial *Do Inferno* parte de um dos princípios mais aceitos pelos pesquisadores da figura de Jack: que o responsável pelos crimes seria ninguém mais que sir William Gull, médico real. Dentro da narrativa proposta por Moore, Gull estaria obedecendo a ordens vindas diretamente da Rainha Vitória para eliminar quatro prostitutas – Polly Nicholls, Annie Chapman, Liz Stride e Marie Jeanette Kelly (embora uma quinta mulher tenha sido morta, por engano). Juntas, as quatro ameaçavam a integridade moral da Coroa, por meio da ameaça de revelar a existência de um bastardo real.

Entretanto, Gull enxerga essa missão como algo maior do que uma simples “queima de arquivo”; trata-se de uma oportunidade de demonstrar a superioridade do masculino sobre o feminino. Gull sofreu um enfarte em 1887, ano anterior aos assassinatos – e Moore, inclusive, aproveita esse evento como recurso narrativo para mostrar como, de forma epifânica, a personagem compreende estar destinado a uma grande tarefa. Iniciado nos mistérios da Maçonaria, Gull tem a visão da divindade supostamente adorada pelos maçons como o Grande Arquiteto do Universo, Jah-buh-lon.

A forma brutal pela qual as mulheres foram assassinadas levou-nos a questionar: quais seriam as motivações de Gull ao cometer tais crimes? Fosse um assassino qualquer, possivelmente ele se limitaria a eliminar as mulheres; mas o simbolismo das mortes (que inclui a extração de seus órgãos) denuncia outros propósitos em seus atos. Esses propósitos, quaisquer que sejam, não serão respondidos aqui; preferimos investigar os impulsos que, do ponto de vista psicanalíti-

co, explicariam as razões que levaram Gull a fazer o que fez, da forma como o fez.



Figura 1: Capas da edição brasileira

De modo a realizar essas intenções de maneira mais exata, optamos por trabalhar com a representação da personagem na narrativa de Moore, não apenas por se tratar de uma história em quadrinhos, mas também pela profundidade da pesquisa realizada pelo autor na feitura da obra – e cujos frutos, ao menos alguns deles, podemos observar nos apêndices da edição nacional, nos quais diversas referências são explicadas e listadas. Uma pesquisa bibliográfica dentro da perspectiva de Freud (1996), aliada ao embasamento teórico das características das HQ's possibilitado pelas obras de Eisner (2010) e McCloud (2004), permitiu que chegássemos a diversas conclusões.

### “O que o Senhor exige de ti”: a psicanálise em Do Inferno

A personalidade do dr. Gull, como é retratada na narrativa de Moore, nos parece pautada pelo que Freud (1996) chama de pulsão – uma força que tende a guiar o organismo rumo a um determinado

objetivo. No caso, essa seria uma pulsão de morte, com objetivo de interromper completamente a pulsão de vida – em termos mais simples, assassinato (e essa intenção pode, por sinal, se dirigir a outras pessoas, ou ao próprio indivíduo). Contudo, existem ao menos três outros itens que, juntos, ajudam a entender melhor como essa pulsão se apresenta: o narcisismo, o princípio do prazer e a repressão.

O termo narcisismo, cunhado do mito grego de Narciso, nomeia um transtorno do ego que se configura no amor pela própria imagem; pode ainda denominar a necessidade excessiva de reconhecimento das próprias faculdades. Seria “o complemento libidinal do egoísmo”; portanto, enquanto que esse último se mostra numa vantagem por parte do indivíduo, o narcisismo seria a oportunidade de satisfazer o desejo de si mesmo, projetado no outro. (Freud, 1996)

Em *Do Inferno*, esse atributo já se anunciava na infância do dr. Gull, em conversas com o pai (“É vaidade esperar que Deus me escolha para uma tarefa muito difícil?”, vol. 1, p. 31), surgindo de maneira mais articulada num quase monólogo com o cocheiro Netley, que o acompanhará em seu ofício bizarro (“Eu falo de uma grande obra, Netley. Um majestoso trabalho deve ter muitas facetas pelas quais possa ser apreciado”, vol. 1, p. 88). Ainda quando criança, a personagem afirma que não se importa em obter reconhecimento por seu trabalho (“Apenas Deus e eu vamos saber. E isso vai ser o bastante”, vol. 1, p. 31); portanto, podemos afirmar que ele se enxerga em cada uma de suas vítimas, as quais dividirão com ele a importância de sua obra – e assim como ele, não irão dividir essa informação com ninguém.

O princípio de prazer, por sua vez, é uma das duas principais diretrizes que regem a atividade mental (a outra é o princípio de

realidade), com o intuito específico de diminuir o desprazer e aumentar o prazer, muitas vezes de maneira imediata. É um princípio econômico, no sentido em que o desprazer está ligado ao aumento da excitação, e o prazer à sua redução (Laplanche, 2001). Porém, ele nunca se satisfaz plenamente, desejando mais e mais o objeto que lhe proporciona prazer.

Por si só, o princípio de prazer atua no fato de Gull ter prosseguido com os assassinatos das prostitutas (motivado por um agente externo, é verdade); contudo, alimentado pelo narcisismo de sua “grande obra”, a personagem rapidamente aprendeu como obter satisfação no que fazia. Por exemplo, na passagem logo após o primeiro assassinato, o de Polly Nicholls, Gull mergulha as mãos dentro do corpo e de lá extrai o fígado, repetindo que ela “estava cheia de luz” (vol. 1, p. 155). Da mesma forma, ao concluir seu ofício, Gull se sente abatido, por se ver sem seu objeto de prazer (“Agora, só há a descida. Só há o vale”, vol. 3, p. 97).

Já a repressão atua como um mecanismo inconsciente de defesa que visa à supressão de um determinado ato ou objeto tido pelo indivíduo como incômodo ou vergonhoso. Entretanto, dependendo da natureza do objeto reprimido, esse sentimento pode vir à tona de formas mais discretas, nas quais o indivíduo sacia o desejo pelo alvo da repressão.

Como mostrado no segundo capítulo da série, desde cedo o dr. Gull possuía um fascínio pelo interior dos corpos. Tanto que, aos 16 anos, ao encontrar o cadáver de um pequeno rato, realiza nele uma espécie de autópsia rudimentar, usando seu canivete. Observando que é no interior do corpo que residem os órgãos de maior importância, somando este fato ao prazer obtido com a relevância desse ofício,

podemos afirmar que isso revela um desejo de possuir, em suas mãos, o direito sobre a vida e a interioridade de outro. Afinal, como médico, sua palavra aos pacientes é final. Esse direito sobre a vida se evidencia ainda mais nos assassinatos cometidos; porém, foi necessário um agente externo (na figura da Rainha) para que ele pudesse saciar seu desejo reprimido.

Também não podemos deixar de apontar a natureza sexual dos crimes cometidos. Mesmo que se trate, para fins narrativos, de uma coincidência o fato de que todas as vítimas sejam mulheres, isso demonstra uma predisposição reprimida de dar vazão aos instintos de demonstrar sua supremacia frente às mulheres. Gull chega a verbalizar que não viveria num mundo regido pelas mulheres, e encara sua missão como um trabalho que, simbolicamente, colocará as mulheres em seu lugar.

Esses três componentes, juntos, configuram a chamada pulsão de morte, que ainda possui um quarto item na personalidade do dr. Gull: a necessidade de punição. Muitas vezes ligado à pulsão de morte, esse componente se mostra numa consciência moral particularmente articulada, que estaria insatisfeita com os atos cometidos pelo indivíduo. Essa insatisfação fica evidente em sabotagens feitas pelo ego, numa admissão inconsciente de culpa.

Existe uma ritualística nas mortes perpetradas por Gull; da mesma forma que um assassino comum se limitaria a matar as mulheres em vez de eviscerá-las, ele também poderia se preocupar em esconder os corpos. No entanto, todos eles foram deixados à vista, para serem encontrados mais cedo ou mais tarde. É nesse ponto que o componente de auto-reprovação se torna mais evidente – ou seja, é como se ele estivesse “sob o domínio de uma consciência moral

particularmente viva, embora essa supermoral não esteja consciente [nele]” (Freud, 1996).

### Um envelope rasgado: a arte sequencial em *Do Inferno*

A linguagem é a negociação dos sentidos. Como tal, serve para que possamos absorver de maneira funcional as informações que nos são apresentadas, em diversos níveis. As histórias em quadrinhos servem como um excelente exemplo de como essa relação funciona, uma vez que se valem, a um só tempo, de dois tipos diferentes de linguagem: a visual e a escrita.

Segundo Cyrne (2000, p. 23), “quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes [...] O lugar significativo do corte [...] será sempre o lugar de um corte espaço-temporal, a ser preenchido pelo imaginário do leitor”. Ao tratar da montagem dos quadrinhos, Eco (2000, p. 47) afirma algo bastante parecido: “A estória em quadrinhos quebra o continuum em poucos elementos essenciais. O leitor, a seguir, solda esses elementos na imaginação e os vê como continuum”.

Por sua vez, Eisner (2010, p. 5) define as histórias em quadrinhos como “arte sequencial”, enquanto que McCloud (2004, p. 9) prefere uma definição mais exata, e sensivelmente maior: “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada” (embora o próprio McCloud afirme que a definição de Eisner será a única necessária a maior parte do tempo). Dessa forma, imagem e texto se unem numa maneira de sintetizar a informação que será ofertada ao leitor pelo autor da história; e, em todas as HQ's, esses dois recursos se configuram de maneiras próprias a apresentar essas informações e

sensações. Com *Do Inferno* não é diferente.

As sequências de enquadramento da narrativa da obra pertencem, de um modo geral, às seis categorias apontadas por McCloud: momento-a-momento, ação-para-ação, tema-para-tema, cena-a-cena, aspecto-para-aspecto e non-sequitur (idem, p. 70-72); entretanto, notamos que, dos cinco assassinatos creditados a Gull na obra, em quatro deles o tipo de transição adotado é o de momento-a-momento, e não por acaso. As histórias em quadrinhos, para funcionarem como meio, dependem da ação da sarjeta, nome dado ao espaço em branco entre dois quadros. Os eventos mostrados entre um quadro e outro serão concluídos com o conhecimento de mundo do leitor, sendo que a leitura desses quadros permite, entre outras coisas, organizar mentalmente noções de tempo e movimento.

A transição momento-a-momento, que se fundamenta numa demonstração detalhada do(s) evento(s) mostrado(s), deixa muito pouco espaço para a conclusão por parte do leitor; todas as etapas do(s) evento(s) são exibidas. Assim como em outras mídias, as histórias em quadrinhos criam, por meio de sua relação com o leitor, uma percepção temporal própria, e os recortes de tempo e movimento virão através do uso da sarjeta. Ao optar por esse tipo de transição, a intenção de Moore é não permitir que o leitor tenha dúvidas acerca dos acontecimentos narrados, ao mesmo tempo em que mantém a atmosfera macabra que rodeia a mística dos crimes cometidos por Jack.



Figura 2: Transição momento-a-momento

Ainda sobre o enquadramento, *Do Inferno* se encaixa no padrão adotado por Moore em outras obras, como *Watchmen* (1986) – a predileção por nove quadros em cada página. Essa estrutura, além de ser suficientemente versátil para permitir que os vários tipos de transição quadro-a-quadro se manifestem, tem uma razão de cunho semiótico: a diagramação dos nove quadros, por si, lembra a de uma grade de prisão; essa imagem evoca uma sensação de desconforto, que irá seguir o leitor por toda a narrativa. Essencialmente, é como se houvessem nove blocos (quadros) por página, que podem (ou não) se unir para formar blocos maiores.

Não obstante, o fato de toda a história ser em preto e branco também tem seus motivos. O traço em preto e branco colabora para simular uma sensação de tempo transcorrido; inconscientemente, é como se o leitor internalizasse que se trata de uma narrativa passada num momento histórico anterior. A manipulação de luz e sombra tem razão de ser na construção do ambiente macabro e misterioso que permeia toda a série – em termos semióticos, o preto seria “a cor da morte e das trevas, a cor do desconhecido e do que provoca medo”

(Guimarães, 2000, p. 91), enquanto que o branco se apresenta como “a cor da vida e da paz” (ibidem, p. 92). De modo a facilitar a projeção das idéias nos desenhos, se usa muito mais preto do que branco; mas esse dado serve para consolidar a atmosfera sufocante pretendida. Essencialmente, é como se os autores permitissem ao leitor uma antecipação visual das mortes das mulheres.

Existe ainda o aspecto subjetivo de certas sequências dentro da narrativa. Eisner lembra que

Essencialmente, as histórias em quadrinhos são uma forma de arte voltada para a emulação da experiência real. O escritor/artista em busca da realidade deve, portanto, estar constantemente preocupado com a perspectiva (EISNER, 2010, p. 91).

Ou seja, o foco no qual a perspectiva se desenrola será decisivo para que o artista consiga obter o efeito pretendido. O conteúdo de cada quadro numa história em quadrinhos visa a envolver o leitor, com o intuito de despertar nele um sentimento de familiaridade com o que é mostrado. Sendo assim, ao apresentar uma cena do ponto de vista de uma das personagens, o autor nos dá a oportunidade de encarar o mundo como a personagem o faz, o que acrescenta novos dados – tal qual um envelope que, ao ser aberto (ou rasgado, como o título de um dos capítulos da série), revela uma série de novas informações.

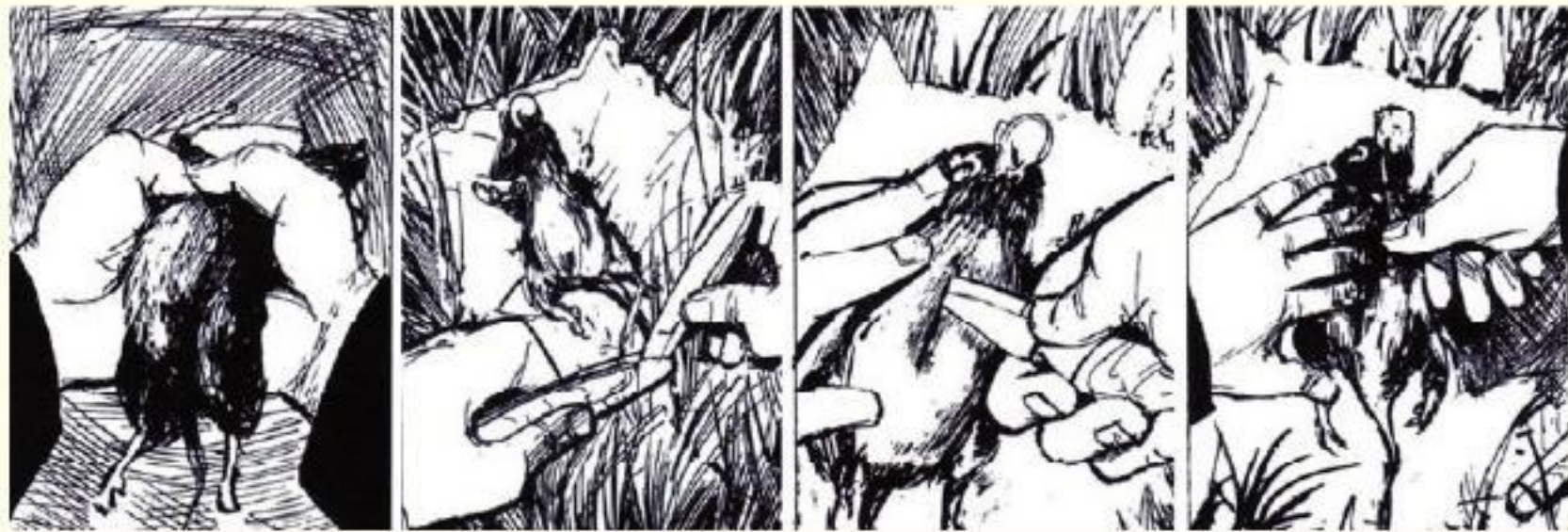


Figura 3: Visão da personagem

Esse entendimento, neste estágio de nossa investigação, é decisivo para compreender melhor as motivações de Gull, como são abordadas no decorrer da obra. Há alguns pontos que deixam claras as aspirações da personagem; podemos nos focar novamente, por exemplo, na sequência de quadros que evoca a adolescência de Gull, na qual ele realiza a autópsia do rato. Toda a sequência é vista pelos olhos da personagem, como se o leitor executasse o ato, consolidando o envolvimento emocional pelo objeto (embora o animal morto seja um substituto temporário daquelas que Gull realmente deseja matar: as mulheres). Trata-se então não apenas de uma antecipação dos eventos a serem mostrados, mas também de um recurso que exhibe as primeiras instâncias que consolidaram a identidade de Gull e seus subsequentes transtornos.

### A ascensão da gaivota: conclusão

Dentro da perspectiva freudiana, parece-nos possível crer que a personagem sir William Gull possuía uma série de processos e transtornos psíquicos, sendo o narcisismo possivelmente o mais acentuado, uma vez que era o único a se apresentar tanto em seu ofício de

médico como em outras atividades. Embora houvesse um componente de ódio em seus atos, é notável que, depois do narcisismo, a repressão seja o transtorno mais evidente. O peso desta é tamanho que, embora Gull desejasse satisfazer seus desejos, fez-se necessário que outro elemento possibilitasse a ele o aval para agir, saciando-se. No caso, a ordem da Rainha Vitória.

A representação dos crimes de Whitechapel feita por Moore e Campbell permitiu-nos não somente visualizar uma hipótese razoável do que aconteceu (guardadas as devidas proporções), mas também estabelecer os parâmetros que permitiram as conclusões acima. Levando em conta as vantagens e limitações que um meio impresso pode possuir, ainda nos questionamos quais dos aspectos abordados foram propositais e quais ficaram a cargo da nossa leitura de *Do Inferno*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CYRNE, Moacy. *A explosão criativa dos quadrinhos*. 5 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Editora WMF Martins, 2010, 4ª ed.
- FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação*. São Paulo: Anablume, 2000.
- LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da psicanálise*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- McCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: M. Books, 2004
- MOORE, Alan. *Do Inferno*. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2005, 4ª ed.

---

CLERISTON OLIVEIRA DA COSTA (PARAÍBA) - Graduado em Letras (habilitação Língua Portuguesa) pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e mestrando em Literatura e Interculturalidade pela mesma instituição. cleristonoliveiracosta@gmail.com

**!Blecaute**  
Revista de Literatura e Artes



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)  
[www.facebook.com/revistaBlecaute](https://www.facebook.com/revistaBlecaute)  
[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)  
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)



## A PALAVRA PINTADA E A IMAGEM ESCRITA EM LEONILSON

*Por Wellington Gomes de Medeiros*

Como primeira forma de contribuição para a Blecaute, decidi escrever um pouco sobre o artista cearense Leonilson (1957-1993), de cuja obra gosto muito, e que trabalha a justaposição entre palavra e imagem como forma de expressão de modo original e muito pessoal.

A produção de Leonilson ganhou repercussão na década de oitenta, quando ocorreu o retorno à valorização da pintura e da figuração. Já no início da década de noventa, foi reconhecido como um dos principais artistas contemporâneos brasileiros. Hoje, sua obra está presente em importantes museus e coleções, sendo referência obrigatória para uma leitura da arte contemporânea do país.

Sua obra, composta principalmente por pinturas e desenhos, apresenta predominância de palavras e imagens, onde as palavras são também desenhos que se confundem com a representação figurativa. Podemos pensar que as palavras são também metáforas visuais, quando se tornam figuras, personas, que ocupam espaço visual tão relevante quanto as representações de objetos, bichos, paisagens e pessoas. Nesse sentido, o texto não tem caráter ilustrativo. Ele reafirma a imagem, dando sentido ou resignificando o figurativo. As palavras não são apenas informações visuais, são sustentáculos signícos para a figura e a composição da obra.

Às vezes, os desenhos de Leonilson lembram páginas de um

diário, onde o artista expõe sentimentose registra ansiedades e opiniões também sobre questões políticas. Entretanto, cada desenho, ou pintura, é autônomo e independe de uma leitura linear ou diacrônica, como seria em um diário. Talvez não devêssemos ler a obra de Leonilson como um diário, embora sua produção esteja impregnada de uma dimensão reveladora de possíveis fatos pessoais. Cada obra se completa individualmente, onde a palavra e a imagem são recursos complementares para uma narrativa de grande força visual, embora construída essencialmente com linhas e planos de cor sólida.

Percebemos que a linguagem do desenho, da escrita e da pintura é desconstruída na obra do cearense, onde o texto não é mero discurso. O texto é. Se faz presente em sua totalidade. Ele está. E por isso é revelador além do que está expresso na figura logo ao lado. Os significados individuais das palavras podem aludir a interpretações isoladas ou combinadas. Mas é quase inevitável a constatação de que o texto estrutura a composição da obra, onde a relação texto/imagem resulta delicadamente harmoniosa.

A dimensão pessoal, social e política em Leonilson algumas vezes parece que vai limitar ou direcionar nossa experiência com a obra. Essa é uma crítica que muitas vezes se faz a alguns artistas que dedicam sua produção ao caráter de denúncia política e social, sufocando a qualidade artística em favor de um certo valor político e panfletário.

Entretanto, a delicadeza, a quase fragilidade, e a imprecisão em Leonilson abrem janelas para a percepção estética além dos significados que possam reduzir o impacto de sua obra sobre nossa percepção. Isso porque, muito além da constatação de que há textos e imagens, podemos especular que na medida em que o texto é imagem, os de-

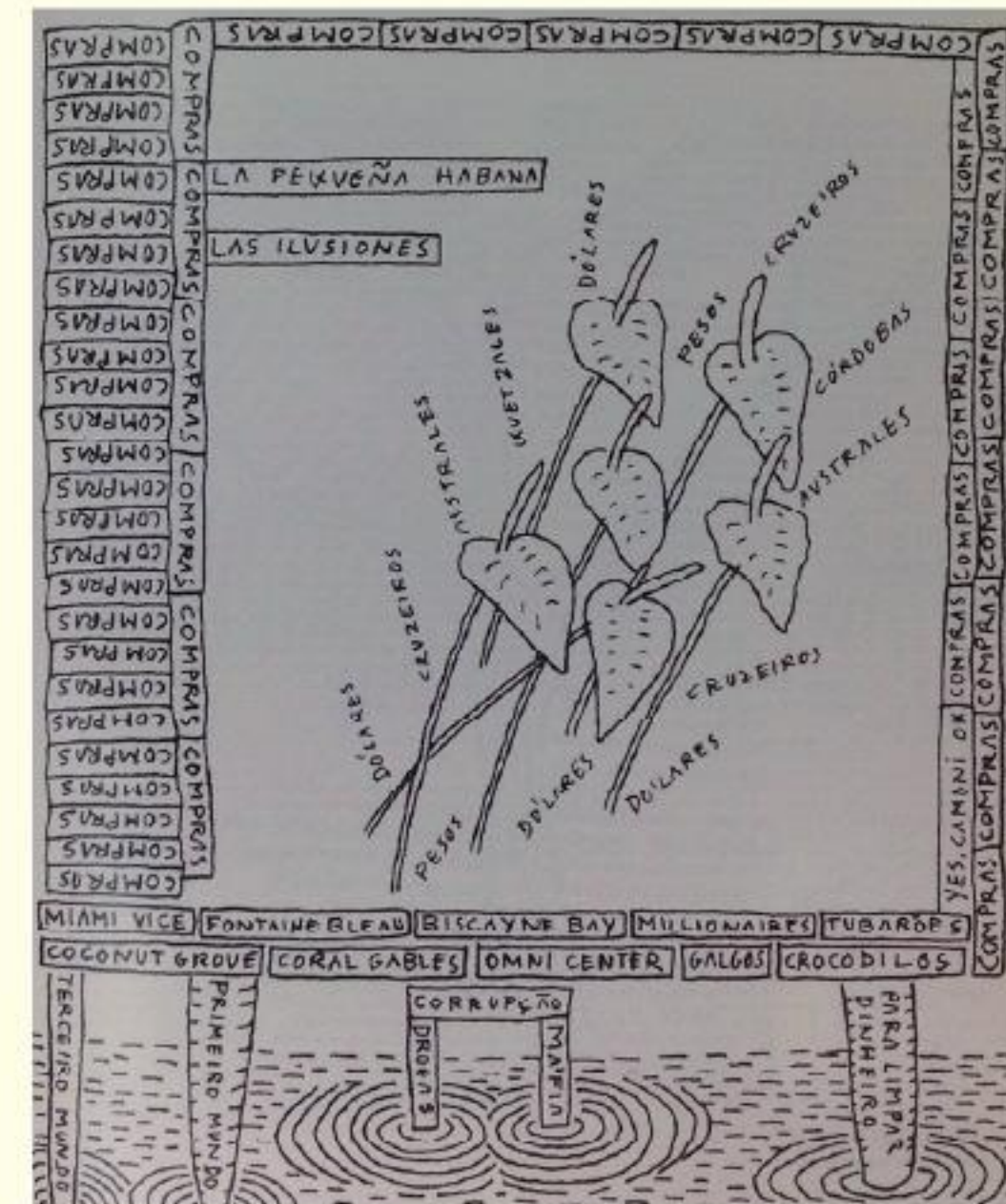
senhos são escritas visuais. Ocorre ali uma certa subversão da linguagem. Se assim o quisermos, podemos passear por entre letras, palavras, linhas e figuras sem necessariamente empreender interpretações ou se ater à busca de seus significados. Ou seja, a obra não se esgota naquilo que significa, mas continua nos desafiando naquilo que a faz linguagem na palavra pintada e na imagem escrita.

Para além de seus significados, também contribui para nossa experiência com a obra o planejamento e a disposição dos elementos visuais que parecem deliciosamente ocasionais e intuitivos, embora também revelem sutil precisão em sua composição. De fato, a perfeita disposição desses elementos gera harmonia, favorecendo o mergulho em um universo denso e emocional, impregnado de revelações e sentimento. Há um certo embate entre o mínimo de elementos e a profundidade dos sentimentos ali expostos. Esse aspecto se revela também no vazio sempre presente, que parece tornar o texto e as imagens ilhas rodeadas de cores - ou de sua ausência. No caso dos desenhos, a monocromia favorece o impacto que sentimos na leitura das palavras e das imagens, quase como um grito silencioso, que avança e recua como um eco nos nossos olhos. Os desenhos são econômicos, em geral em negro sobre fundo branco, assim como as palavras, que às vezes estão dispostas em diagonais, curvas ou linhas cruzadas, sempre dialogando diretamente com as figuras.

Assim como as figuras, as palavras vão além da dimensão sintática e semântica, alcançando qualidade plástica, e, quando isoladas, adquirem caráter de persona. Às vezes são membros, corpos, caminhos, como extensões dos desenhos, lhes proporcionando estabilidade, movimento e unidade. A escrita irregular, porém clara e precisa, denota presença robusta em sua dimensão plástica, mas também, às

vezes, paradoxalmente hermética e misteriosa, quando nomeia uma figura.

Em Leonilson, estamos sempre na fronteira entre a apreciação do valor estético despojado de suas obras, e a profundidade de sentimentos e denúncia que ali estão. Particularmente, gosto de ver a palavra em Leonilson como elemento plástico associado inextricavelmente à imagem, sem no entanto adquirir caráter ilustrativo, abrindo sempre novas possibilidades de apreciação da obra, muito além da leitura óbvia, ou mesmo da ideia discursiva e linear de um diário.

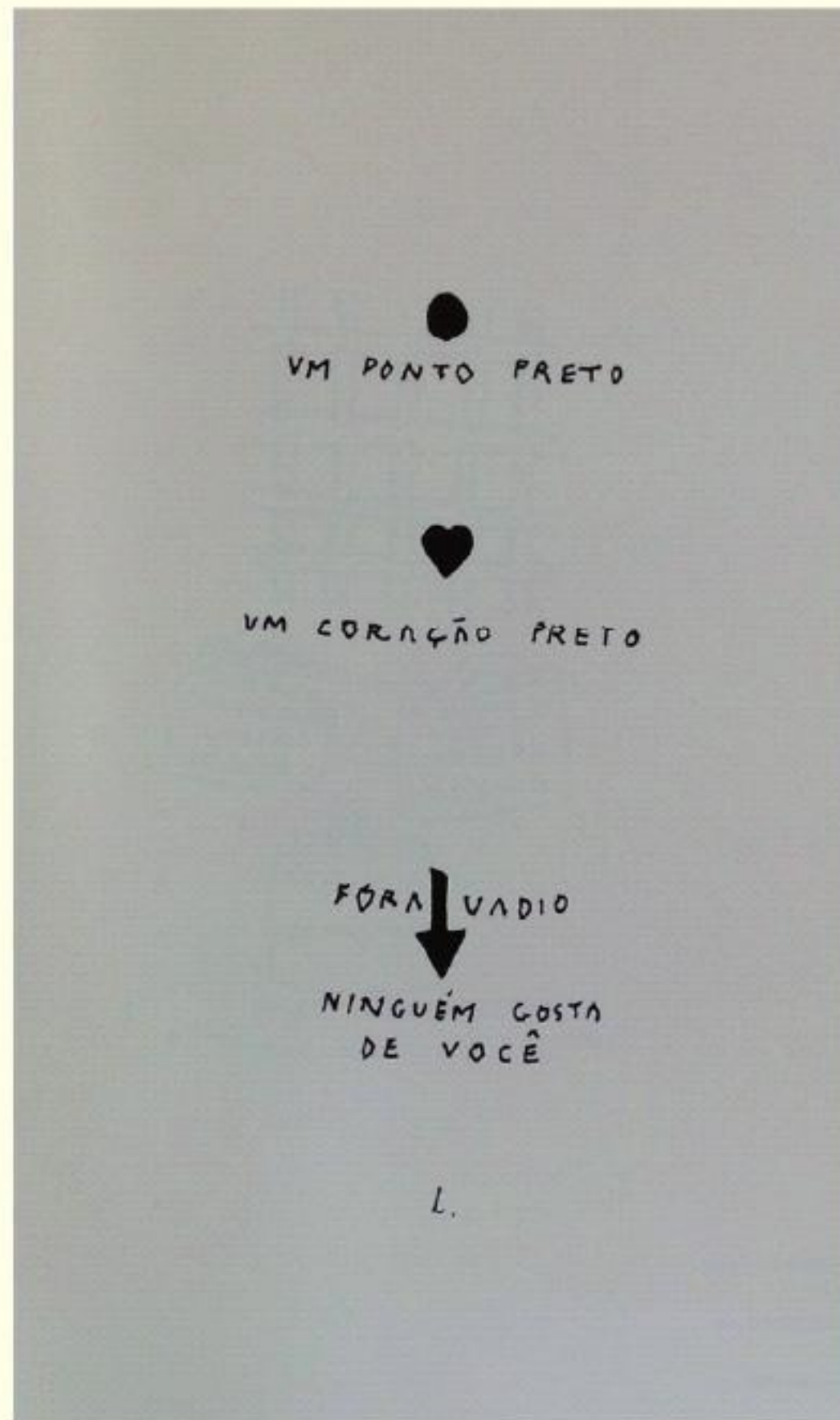


Leonilson

“Brasil vai a Miami em busca da ‘década perdida’”

Caderno cotidiano, p. 2

20 de abril de 1991

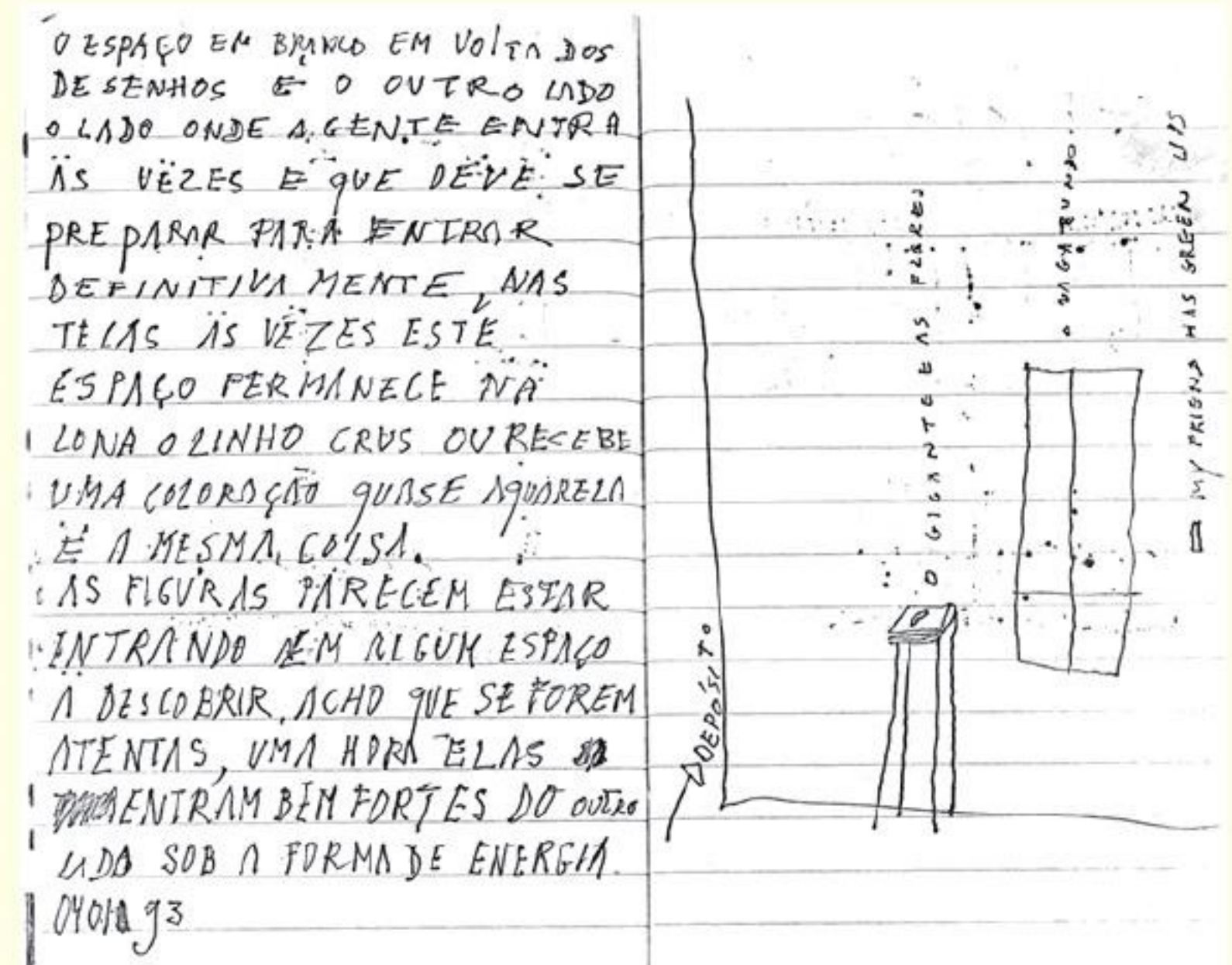


Leonilson

“Com que roupa Rosane irá a Varennes”

Caderno ilustrado/fim-de-semana, p. 2

21 de agosto de 1992



Leonilson

Caderno, 1989

Para conhecer mais sobre o artista e sua obra acesse:

<http://www.projetoleonilson.com.br/site.php>

WELLINGTON DE MEDEIROS (PARAÍBA) - Artista visual e Designer formado na UFCG, mestre em Artes Visuais pela UFRGS e PhD em Design pela Staffordshire University, Reino Unido. Já participou de diversas exposições coletivas e individuais no circuito nordestino e nacional.

*De Júlia Mendes*

desde quando

eu via tartarugas nos jardins  
das nossas lavas  
o tempo não existe mais

uma oração carcomida  
por algum déspota disfarçado  
os temores  
vem  
salivamos  
algo  
cortejo porões antigos

o desejo pára num lupim deserto

a rua agita o frio a cama o cachorro histérico o reiki  
de anjos alucinados

soltei  
o corpo  
feito um machado  
e caí  
levemente  
sobre  
você

algumas tragédias

vazamento na pia da cozinha  
champagne de anteontem  
livrossemiautografados por deus  
discussão com o síndico  
55 reais no butijão de gás  
conta de luz  
uma gaivota se espreme entre a janela e o céu  
último cigarro  
sem tempo para suicídio  
linhas de metrô andaimes atropelamentos  
classificação de objetos  
novos hóspedes  
a tarde  
gera sentimentos  
terríveis

circunvisões

e uma moldura  
que sai da tela  
pêlo espasmos translúcidos  
por dentro de uma equação  
impossível de pertencer ao tempo  
– corro –  
– existo quando desejo –  
e duvido de mim  
no desespero exato  
de (querer) estar

acordo entre os seus dentes

tiro com a língua  
pedaços de estrelas  
que ficaram enfiados  
nas gengivas  
caio sobre o corpo  
enfastiado da noite  
acordo de 5 em 5 minutos  
para ver se ainda  
estou  
[viva]

sem porto  
Para Marcus

tristes bálsamos proclamados  
hortas recém começadas  
receitas de cervejas artesanais  
caderninhos amansando fardos  
sol-e-malte-nos embalam

saímos desarmados  
como cartas  
desmanchadas

a terra lambe ou zomba  
de nossas pernas  
bambas

---

JULIA MENDES (SÃO PAULO-RIO DE JANEIRO) – Poeta. publicou o livro de poesia “Para um corpo preso no guindaste” pela Editora Patuá . Mantém o blog autoral [juliabmendes.blogspot.com](http://juliabmendes.blogspot.com)



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)



Fotos: Wênio Pinheiro

**Luiz Barroso** iniciou o curso de Ciências Sociais na atual UFCG e antiga UFPB. Passados dois anos de vida acadêmica, abandona a universidade para se dedicar às Artes Visuais como autodidata. No MAAC (Museu de Arte Assis Chateaubriand) de Campina Grande encontrou o espaço que lhe faltava para uma orientação no caminho das artes. Passa, então, a frequentar o ateliê livre desta instituição, integrando-se, assim, ao movimento cultural da cidade e chegando a ser, durante vários anos, presidente da Associação Campinense de Artistas Plásticos (ACAP). Nos anos de 1994, 1995, 1996 e 1998 viaja à França para participar de intercâmbios organizados pela Associação Franco-Brasileira Le Hors-Là. Em 1999, retorna à França, desta vez para residir na cidade de Marseille e atuar na Association Arts et Developpement, animando ateliês de pintura para crianças descendentes de imigrantes.

## DIVINDADES

*Por Serge Huot*

Depois de vários anos de peregrinação entre a Paraíba e o Sul da França, mais especificamente na cidade de Marselha, Luiz Barroso apresenta sua visão poética do mundo nesta mostra que é sua primeira exposição individual no Brasil, desde seu retorno em novembro de 2008.

Entrar no seu universo e na sua obra é uma coisa fascinante e requer um olhar totalmente inusitado. Nada acadêmico, nada atrelado a uma sequência temporal. Ele passa do lado dos ‘neo’, ‘pré’, ‘pós’ transcendendo a todo tipo de classificações. Está em tudo, homem livre e enraizado na história do mundo e dos mundos! Toda sua obra está inserida em sua maneira de agir, e é inseparável de sua atividade de Arte Educador. Seu trabalho é construído de fora para dentro, observador silencioso, introspectivo e mergulhado nas emoções.

É no começo dos anos de 1990 que sua experiência generosa de Arte Educador, em Campina Grande, sua cidade natal, o leva para a França. A crise de definição da arte, que desde a Arte Conceitual vem cutucando a cultura, ainda está forte e muitos Artistas defendem uma posição mais engajada na prática de uma arte como ferramenta de coerência social. A ONG “Le HorsLà”, com sede em Marselha, desenvolve projetos e começa a atuar no Nordeste em parceria com artistas brasileiros. Barroso é um precursor sensível e foi escolhido para um intercâmbio que durou vários anos, culminando com sua ida até o povo Massai do Quênia na África.

Do sol do Sertão Brasileiro ao sol do Mediterrâneo ele cons-

truíra uma obra profundamente humana. E é nisso que reside a DIVINDADE, a qual está no corpo, na terra e nas suas entranhas. “No sertão”, ele lembra, esticavam as peles das cabras e deixavam ao sol para secar o couro. Essa lembrança ele transforma em papéis reciclados, onde escolhe inscrever a memória simbólica das linguagens. Da pedra como um arquétipo, ele aponta nossa atenção para nos religarmos ao essencial, como condição primitiva de uma humanidade universal.

Tal qual um alquimista mergulha na matéria, pasta de papel com elementos orgânicos, para nos levar a perceber a alma das pedras, a qual ele aprisiona no vazio eterno e interno, com uma espiritualidade isolada de referências. Essa sensibilidade é a gestação adormecida de um artista profundamente enraizado na sua terra, a Paraíba, alguém local, universal e multicultural. A saudade, que lhe acompanhara em seu itinerário no Mediterrâneo Francês deu-lhe suporte nesta segunda moradia, e expressa em sua obra de pedras trançadas o destino entrelaçado nessa reflexão de uma arte antropológica.

Seu templo é a sua poética, sua essência. Numa época de guetos e de crises de identidade do mundo globalizado, Luiz Barroso dá-nos uma direção; O criativo incondicionalmente.

Serge Huot ( Artista Visual e Curador )

31/10/12



Fotos: Wênio Pinheiro



# !Blecaute

Revista de Literatura e Artes



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)  
[www.facebook.com/revistaBlecaute](https://www.facebook.com/revistaBlecaute)  
[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)  
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

## Como publicar

Os autores que se interessarem em divulgar suas produções na Blecaute devem enviá-las para o e-mail:

[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)

Os arquivos devem ser compatíveis com o editor de texto Microsoft Office Word (2003 ou superior), Fonte Times New Roman, Tamanho 12, Espaçamento 1.5, Tamanho de página normal e se enquadrar nas seguintes categorias:

**Poemas:** devem ser enviados entre quatro e cinco poemas, com até cinco páginas no total;

**Conto:** poderá ser enviado apenas um conto, com até cinco páginas;

**Ensaio/Artigos:** poderá ser enviado um ensaio ou artigo acadêmico sobre temas ligados à literatura, cultura e/ou demais artes, incluindo cinema, música, artes visuais e artes cênicas – sugerimos o máximo de dez páginas;

**Resenhas:** poderão ser enviadas duas resenhas, com até três páginas, acrescida da referência bibliográfica do livro (a ser utilizada como título) e uma imagem, em boa resolução, da capa do livro resenhado.

## Observação

Todos os textos devem ser acrescidos de um pequeno perfil dos colaboradores, contando com as seguintes informações: nome, local de nascimento, local onde reside atualmente, livro(s) publicado(s), blog(s) e/ou site(s) que edita, entre outros.